



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**FONOLOGIA E ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS
DA LÍNGUA AKUNTSÚ**

Carolina Coelho Aragon

Brasília
2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS (LIP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGL)

**FONOLOGIA E ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS
DA LÍNGUA AKUNTSÚ**

Carolina Coelho Aragon

Dissertação submetida ao Departamento de
Lingüística, Português e Línguas Clássicas
da Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Mestre
em Lingüística.

Orientadora: Professora doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Brasília
Janeiro/2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS (LIP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGL)

Dissertação de Mestrado

**FONOLOGIA E ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS
DA LÍNGUA AKUNTSÚ**

Carolina Coelho Aragon

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral - UnB

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues - UnB

Profa. Dra. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima - UFPE

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (suplente) - UNICAMP

*Aos sempre amigos e mestres:
Konibú, Ururú, Aramira, Txarúí, Enotéi e Pupák.*

“Aqui nada poderia substituir observação direta: nem questionário, nem narrativa de informante, qualquer que seja sua fidelidade. Pois é freqüentemente sob a inocência de um gesto semi-esboçado, de uma palavra subitamente dita, que se dissimula a singularidade fugitiva do sentido, que se abriga a luz onde todo o resto se aviva.”

(Pierre Clastres, 1934:11)

AGRADECIMENTOS

Aos Akuntsú por me permitirem viver ao lado deles, ensinando-me a observar um dia de cada vez. Por me acolherem em suas casas e pela paciência ao me ensinarem sua língua, sempre atenciosos e carinhosos. A Enotéi por ser minha companheira em todos os dias e situações. A Txarúí pelo aconchego com o qual me acolhe e por seus cuidados em me ensinar sua língua. A Aramira pelo olhar confiante e abraços maternos. A Konibú por me deixar fazer parte de seu povo, guiar-me em seu território e proporcionar-me o privilégio de ouvir o seu canto. A Ururu por tentar pacientemente me ensinar a arte de tecer e por me mostrar a força de seu povo. A Pupák pelas risadas constantes. Agradeço-lhes imensamente por terem me permitido desenvolver e finalizar esta dissertação.

A professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que durante os anos de graduação e os de mestrado, incentivou-me incessantemente para a pesquisa lingüística. Profissional e amiga nesta caminhada, ensinou-me o mundo maravilhoso das línguas indígenas. Apostou no meu caminho e, confiando nos meus passos, orientou-me com inigualáveis ensinamentos.

Agradeço igualmente ao professor Aryon Dall'Igna Rodrigues por sua imensa e fundamental contribuição ao desenvolvimento deste estudo, assim como pela rica oportunidade em ser sua aluna, tanto em sala de aula como no dia-a-dia do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

Meu reconhecimento ao grupo da Coordenação de Índios Isolados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pela confiança que me depositaram, permitindo-me passar dias da minha vida junto aos Akuntsú, registrando e documentando momentos únicos. Agradeço ao indigenista Sydney Possuelo, ex-coordenador desta unidade, pelo convite feito ao Laboratório de Línguas Indígenas para iniciar a pesquisa lingüística junto a este povo. Agradeço-lhe também pela confiança e lições de indigenismo. Sou grata a Marcelo dos Santos pelo apoio e pela árdua luta para defesa do povo Akuntsú e Kanoê. A Wellington Martins por abrir as portas dos arquivos da FUNAI para a minha primeira pesquisa, assim como pelo estímulo a continuação do meu trabalho. A Manoela Costa pelo cuidado e incentivo na organização de minhas viagens a T. I. Rio Omerê. A Elias dos Santos Bigio pelo fundamental apoio a minha pesquisa.

A Altair Algayer agradeço profundamente toda a ajuda, apoio e atenção que tem me dedicado, confiando nos meus estudos e acreditando no meu trabalho. Agradeço-lhe ainda por seu contínuo trabalho exercido com capacidade e dedicação, e por compartilhar de seus conhecimentos indigenistas e da rica experiência vivenciada junto aos Akuntsú. Agradeço também a sua esposa e companheira Jussara Algayer por me receber com carinho em sua casa, sempre com palavras amigas, conselhos e conversas agradáveis. Agradeço ainda a suas filhas, Cecília e Alice, pelo sorriso sincero e acolhedor.

A Reginaldo Aikanã Sabanê pela amizade, pelo apoio ao meu trabalho de campo e pelo interesse por minha pesquisa. Estendo meu agradecimento a todos que me apoiaram: João Maciel, Eduardo Barcellos

(obrigada por Pierre), Vanderlei Rodrigues, Gilvam Silva, Adriano, Leonardo Lênine e a todos que de uma maneira ou de outra me ajudaram, ofertando-me imensa amizade.

A Vincent Carelli por compartilhar os vastos registros feitos durante o contato e pós-contato junto aos Akuntsú, dividindo comigo valiosas informações contidas em suas documentações.

Meu agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), pela bolsa de mestrado concedida.

Aos amigos e pesquisadores do Laboratório de Línguas Indígenas com quem compartilho ideais e amor às línguas indígenas.

Em especial, agradeço aos meus pais Sosteneide Coelho Aragon e Francisco Carlos Campana Aragon pelo apoio sem medida às minhas decisões e, principalmente, aos valores e amor transmitidos, que hoje me fazem caminhar com os pés firmes. Agradeço aos meus irmãos Samara e Carlos Vitor pelos abraços fortalecedores e o amor incomensurável. Agradeço também aos meus avós, tios e primos, aos quais sou também muito grata pelo estímulo na busca de meus sonhos. Ao companheiro Felipe de Oliveira que, com sua dedicação e amor, nos momentos mais desanimadores me incentivou a sorrir e nos momentos mais felizes me ajudou a continuar em frente. Aos amigos Elisa e Willian Pinheiro pelo amor e amizade sincera, bem como a Vitória Biagiolli, Danuza Lucena, Nicelli Honório e Aline Flym por me fazerem acreditar que a amizade é um dos bens mais valiosos da vida.

Enfim, deixo meu carinhoso agradecimento a Família Sebastiana pela luz no meu caminho.

SUMÁRIO

Lista de mapas, figuras e quadros.....	xi
Abreviaturas utilizadas.....	xii
Resumo.....	xiii
Abstract.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	01
0.1 Fundamentação teórica.....	01
0.2 Metodologia.....	02
0.3 Organização dos capítulos.....	03
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E A LÍNGUA.....	04
1.1 Introdução.....	04
1.2 Situando o povo Akuntsú e sua língua.....	04
1.2.1 O povo Akuntsú.....	04
1.2.2 A língua Akuntsú.....	06
1.3 Breve histórico sobre os povos da família lingüística Tuparí.....	08
1.4 Sobre a história do contato dos Akuntsú e a situação atual.....	11
1.5 A cultura material dos Akuntsú.....	14
1.6 Conclusão.....	23
CAPÍTULO II – FONÉTICA E FONOLOGIA.....	24
2.1 Introdução.....	24
2.2 Análise fonética: consoantes.....	24
2.2.1 Descrição e ambientes de ocorrência dos sons consonantais.....	25
2.3 Análise fonética: vogais.....	38
2.3.1 Descrição e ambientes de ocorrência dos sons vocálicos.....	39
2.3.1.1 Orais.....	39
2.3.1.2 Nasais.....	43
2.3.1.3 Vogais longas.....	46
2.3.1.4 Vogais laringalizadas.....	46
2.4 Fonologia segmental.....	47
2.4.1 Fonemas consonantais.....	48
2.4.1.1 Pares mínimos e/ou análogos.....	49
2.4.1.2 Fonemas e alofones.....	56
2.4.2 Fonemas vocálicas.....	62

2.4.2.1 Orais.....	62
2.4.2.1.1 Pares mínimos	62
2.4.2.1.2 Fonemas e alofones.....	65
2.4.2.2 Nasais.....	70
2.4.2.2.1 Fonemas vocálicos nasais: em ambientes análogos ..	71
2.4.2.2.2 Fonemas e alofones.....	73
2.5 Observações sobre alongamento consonantal e laringalização vocálica.....	74
2.5.1 Alongamento consonantal.....	74
2.5.2 Laringalização.....	76
2.6 Estrutura silábica.....	76
2.6 Acento.....	79
2.8 Morfofonêmica.....	80
2.8.1 Enfraquecimento de oclusivas.....	80
2.9 Conclusão.....	80
CAPÍTULO III – ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS.....	82
3.1 Introdução.....	82
3.2 Classes de palavras.....	82
3.2.1 Nomes.....	83
3.2.1.1 Nomes referenciais.....	83
3.2.1.2 Flexão relacional.....	84
3.2.1.3 Flexão casual.....	85
3.2.1.3.1 <i>-po</i> ‘locativo’.....	85
3.2.1.3.2 <i>-et</i> ‘determinativo’.....	86
3.2.1.4 Derivação.....	87
3.2.1.4.1 <i>-tin</i> ‘atenuativo’ e <i>-atfo</i> ‘intensivo’.....	88
3.2.1.4.2 O verbalizador <i>-ka</i>	88
3.2.1.5 Composição.....	89
3.2.1.6 Nomes dêiticos.....	90
3.2.1.6.1 Pronomes.....	90
3.2.1.6.1.1 Pronomes clíticos.....	93
3.2.1.6.2 Demonstrativos.....	95
3.2.1.6.3 Locativos.....	97
3.2.2 Posposições.....	98

3.2.2.1	-ete ‘locativo/ relativo’	98
3.2.2.2	-pe ‘ locativo/dativo’	99
3.2.2.3	-na ‘ translativo’	100
3.2.3	Numerais.....	101
3.2.4	Verbos.....	102
3.2.4.1	Morfologia flexional.....	102
3.2.4.2	Relações gramaticais.....	103
3.2.4.3	Nominalizadores.....	104
3.2.4.4	Morfologia derivacional.....	106
2.4.4.1	Causativo.....	106
3.2.5	Partículas.....	106
3.2.5.1	Partícula aspectual.....	107
3.2.5.2	Partícula de foco <i>te</i>	107
3.2.5.3	Partícula negativa <i>nom</i>	108
3.2.6	Ideofones.....	108
3.2.7	Interjeições.....	109
3.3	Negação.....	109
3.4	Sintaxe.....	111
3.4.1	Sintagmas nominais.....	111
3.4.1.1	Construções genitivas.....	112
3.4.1.2	O uso de nomes de parentesco como indicadores de determinação... 114	
3.4.1.3	Nominalização como estratégia mediadora de determinação... 115	
3.4.2	Sintagma verbal.....	116
3.4.3	Ordem dos constituintes oracionais.....	117
3.4.4	Alinhamento.....	121
3.5	Conclusão.....	122
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.....		124
BIBLIOGRAFIA.....		126

LISTA DE MAPAS, FIGURAS E QUADROS

Mapa I: Carta imagem da T. I. Rio Omerê (FUNAI).....	06
Mapa II: Estado de Rondônia.....	11
Figura I: Representação arbórea do tronco Tupí.....	08
Figura II: Maloca localizada na entrada da aldeia.....	15
Figura III: Retirando coró da árvore mamoiim.....	16
Figura IV: Retirada do mel.....	16
Figura V: Recipiente usado para carregar mel.....	16
Figuras VI, VII, VIII, IX e X: Seqüência da preparação da tinta do urucu.....	17 e 18
Figuras XI e XII: Pupák e Ururu pintados de jenipapo.....	18
Figuras XIII e XIV: Preparação do rapé.....	19
Figura XV: Cheirando rapé.....	20
Figura XVI: Cheirando rapé com o tubo inalador.....	20
Figura XVII: Konibú fazendo pajelança.....	20
Figura XVIII: Ururu fiando algodão.....	21
Quadro I: Sons consonantais.....	25
Quadro II: Sons vocálicos.....	39
Quadro III: Fonemas consonantais.....	49
Quadro IV: Fonemas vocálicos orais.....	62
Quadro V: Fonemas vocálicos nasais.....	70

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ATEN	Atenuativo
CORR	Correferencial
DET	Determinativo
FOC	Partícula focalizadora
LOC	Locativo
NEG	Negação
NZR	Nominalizador
PROJ	Projetivo
R	Relacional
REL	Relativo
TRANS	Translativo
VERB	Verbalizador

RESUMO

Esta dissertação reúne uma primeira análise mais aprofundada da fonologia segmental da língua Akuntsú e uma descrição preliminar de aspectos da morfologia e da sintaxe desta língua. A língua Akuntsú pertence à família Tuparí, do tronco Tupí (Cabral e Aragon 2004a, 2005, Rodrigues 2007) falada em Rondônia por seis sobreviventes de um massacre perpetrado na década de oitenta do século passado.

A análise fonológica consistiu na descrição articulatória dos sons e dos seus respectivos ambientes de ocorrência, e por meio do contraste dos sons em ambientes idênticos ou análogos foram identificadas as unidades fonológicas distintivas da língua. O estudo fonológico pautou-se em uma análise fonética de natureza articulatória dos sons do Akuntsú, incluindo a identificação sucinta dos padrões silábicos e acentuais desta língua. O estudo fonológico fundamentou-se em modelos teóricos de análise lingüística que concebem o fonema como unidade funcional básica nos sistemas fonológicos das línguas, como os propostos por Trubetzkoy (1969), por Jakobson (1972) e por Martinet (1971).

A análise morfológica e sintática privilegiou a descrição de classes de palavras, aspectos do sistema de alinhamento e das ordens de palavras observados na língua, seguindo uma abordagem tipológica e funcional baseada em Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 1994), Folley e Van Valin (1984), Givón (2001), Lehmann (1978), Rodrigues (1953, 1964, 1996).

Com este estudo objetivamos iniciar o preenchimento de uma lacuna no conhecimento científico sobre as línguas e os povos Tupí.

ABSTRACT

This dissertation associates a first detailed phonological description of the Akuntsú language with a preliminary description of aspects of its morphology and syntax.

The Akuntsú language belongs to the Tuparí family, Tupí Stock (Cabral and Aragon 2004a, 2005; Rodrigues 2007) spoken in the State of Rondônia by six survivors from a massacre perpetrated during the last decade of last century.

The phonological analysis consisted in an articulatory description of the Akuntsú sounds and their respective environments, and by contrasting these sounds in identical or analogous environments the Akuntsú phonological distinctive units were identified. The phonological study was included a preliminary identification of syllabic and stress patterns found in Akuntsú. This analysis was developed in the light of theoretical models of linguistic analysis which conceive the phoneme as a basic functional unity in the languages phonological systems, as those proposed by Trubetzkoy (1969), Jakobson (1972) and Martinet (1971).

The morphologic and syntactic analyses focused the description of the classes of words, some aspects of the alignment system, as well as the word order observed in the language, following a typological and functional approach based on the works by Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 1994), Folley and Van Valin (1984), Givón (2001), Lehmann (1978), Rodrigues (1953, 1964, 1996).

With this study we seek to begin the fulfillment of a gap in the scientific knowledge about the Tupí people and their languages.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma análise preliminar da fonologia e de aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú, falada por um grupo de seis pessoas, contatadas há treze anos, por agentes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), na região do rio Omerê, sudeste do estado de Rondônia. Trata-se de um estudo de natureza descritiva, desenvolvido sob critérios distribucionais e contrastivos, pautado em uma visão tipológica e funcional dos padrões e dos processos ativos na língua Akuntsú.

A análise fonológica partiu da descrição articulatória dos sons e dos seus respectivos ambientes de ocorrência. Com base nesta descrição foram identificados os sons que contrastam entre si em ambientes idênticos ou análogos, assim como fatores fonológicos que condicionam a distribuição de cada uma das manifestações fonéticas respectivas a cada fonema. A análise fonológica abordou, de forma sucinta, padrões silábicos e acentuais, assim como processos morfofonológicos identificados até o presente.

A análise morfossintática privilegiou uma descrição preliminar de classes de palavras, a distribuição de marcas codificadoras de pessoa em predicados verbais e nominais, assim como os tipos de ordens de palavras observados na língua.

Por tratar-se de um grupo humano extremamente reduzido, monolíngüe, com pouco contato com não-índios e com uma história recente traumática, marcada pelo extermínio dos demais membros do grupo, a pesquisa que resultou neste estudo foi, até agora, realizada sob condições particularmente difíceis e limitadas.

0.1 Fundamentação teórica

O estudo fonológico fundamentou-se em modelos teóricos de análise lingüística que concebem o fonema como unidade funcional básica no sistema fonológico de uma língua, particularmente nos estudos Trubetzkoy (1939), Jakobson (1972), Jakobson, Fant & Halle (1969) e Martinet (1971).

A descrição de aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Akuntsú seguiu uma abordagem tipológica e funcional orientada pelos trabalhos de Comrie (1976,

1989), Dixon (1979, 1994), Folley e Van Valin (1984), Givón (2001), Lehmann (1978), Rodrigues (1953, 1983, 1996), bem como pelos trabalhos contidos em Shopen (1985). Fundamental para o presente estudo foram as descrições gramaticais de outras línguas Tupí, como a do Tuparí (Caspar e Rodrigues, 1957), o esboço gramatical desta mesma língua contido em Alves (2004), as teses sobre a língua Mekéns (Galúcio 2001) e sobre a língua Makuráp (Braga 2006), bem como os trabalhos de Landin (1984), Storto (2001, 2002) e Everett (2006) sobre o Karitiána e o trabalho de van der Meer (1982) sobre o Paitér.

0.2 Metodologia

Os dados que fundamentaram este estudo foram coletados entre 2004 e 2007, na Terra Indígena Rio Omerê (Rondônia), onde vivem os seis remanescentes Akuntsú. Estes dados incluem os coletados por Aragon e Cabral em 2004 e os coletados por Aragon em 2006 e em 2007.

A pesquisa iniciou-se em 2004, em uma associação da Coordenação dos Índios Isolados da FUNAI, então coordenada por Sydney Possuelo, com o Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI), coordenado pelo Prof. Dr. Aryon D. Rodrigues. A pesquisa de campo realizada entre 2004 e 2007 no Omerê contabilizou 235 dias. A autora do presente estudo teve a oportunidade de permanecer entre os Akuntsú participando do seu dia-a-dia.¹

Os dados coletados foram gravados em sistemas digitais (*Sony IC Recorder ICD-MX20*), Md's (*Sony Portable Minidisc Recorder MZ-NH700*) e em fitas *cassette* (*Sony Cassette-Corder TCM-200 DV* e *Sony TCM-5000*). As gravações somam um total de 50 horas, contendo palavras, frases, conversas naturais e histórias. Todo o material gravado está digitalizado e armazenado em banco de dados do LALI.

¹ Embora o caderno de notas e o gravador tenham sido meus companheiros constantes em todas as situações, seja no momento de acompanhá-los na busca de caça, seja na ida ao igarapé para encher as cabaças de água, nem sempre gravava e anotava, pois os ajudava em seus afazeres cotidianos.

0.3 Organização dos capítulos

O primeiro capítulo trata do povo Akuntsú, ao qual se deu enfoque especial por se tratar de um povo ainda muito pouco conhecido. Neste capítulo abordamos aspectos da história de contato dos Akuntsú e de sua cultura. O segundo capítulo trata da fonologia da língua, e o terceiro descreve aspectos de sua morfologia e sintaxe. O quarto capítulo apresenta algumas conclusões sobre a fonologia e sobre a gramática, que contribuirão, entre outras coisas, para melhor situar o Akuntsú na família lingüística Tuparí.

Com esta dissertação inicia-se o preenchimento de uma lacuna no conhecimento científico sobre as línguas da família Tuparí, conhecimento este que deverá ser aprofundado e ampliado, para o que pretendemos continuar contribuindo.

CAPÍTULO I – Considerações sobre o povo e a língua

1.1 Introdução

Neste Capítulo fazemos algumas considerações sobre o povo Akuntsú e sua língua. Os dados etnográficos sobre os Akuntsú provêm das seguintes fontes: Valadão (1986, 1995, 1996), Santos (1984, 1985, 1986), Santos e Algayer (1995, 1996, 1999), Aragon e Cabral (2004a, 2005). Apresentamos também um resumo das informações históricas relativas aos povos da família lingüística Tuparí, de forma a melhor situá-la no contexto histórico e sociocultural dos povos da região.

1.2 Situando o povo Akuntsú e sua língua

1.2.1 O povo Akuntsú

O povo Akuntsú foi reduzido a seis pessoas remanescentes de um genocídio ocorrido na última década do século passado. Estas seis pessoas vivem na Terra Indígena Rio Omerê. São elas Konibú, cacique e pajé do grupo, sua esposa Aramíra, também chamada de Pugapía, e as duas filhas desta, Nanói, também chamada de Txarúi, e Enotéi, também chamada de Kãní. Os outros dois são Ururú, irmã de Konibú e a mais velha do grupo, e Pupák, considerado por Ururú como seu filho. Na época em que foram contatados, os Akuntsú já estavam reduzidos a sete pessoas, dentre as quais duas meninas e cinco adultos (três mulheres e dois homens). Em 1999, uma das meninas veio a falecer vítima da queda de uma árvore sobre a maloca em que dormia (Santos e Algayer, 1999).

Pupák sofreu, assim como os demais Akuntsú, perdas familiares. Segundo ele, seus pais foram mortos a tiros e hoje tem Ururu como sua mãe. Os Akuntsú fazem constantes referências às perdas de seus parentes mortos a tiros. Dizem “Matou, matou e matou...”, tanto Konibú quanto Pupák carregam cicatrizes em seus corpos causadas por armas de fogo dos assassinos de seu povo.

Os Kanoê do Omerê foram os que usaram pela primeira vez o etnônimo Akuntsú para referirem-se ao grupo Tupí. Trata-se de um nome bastante difundido entre

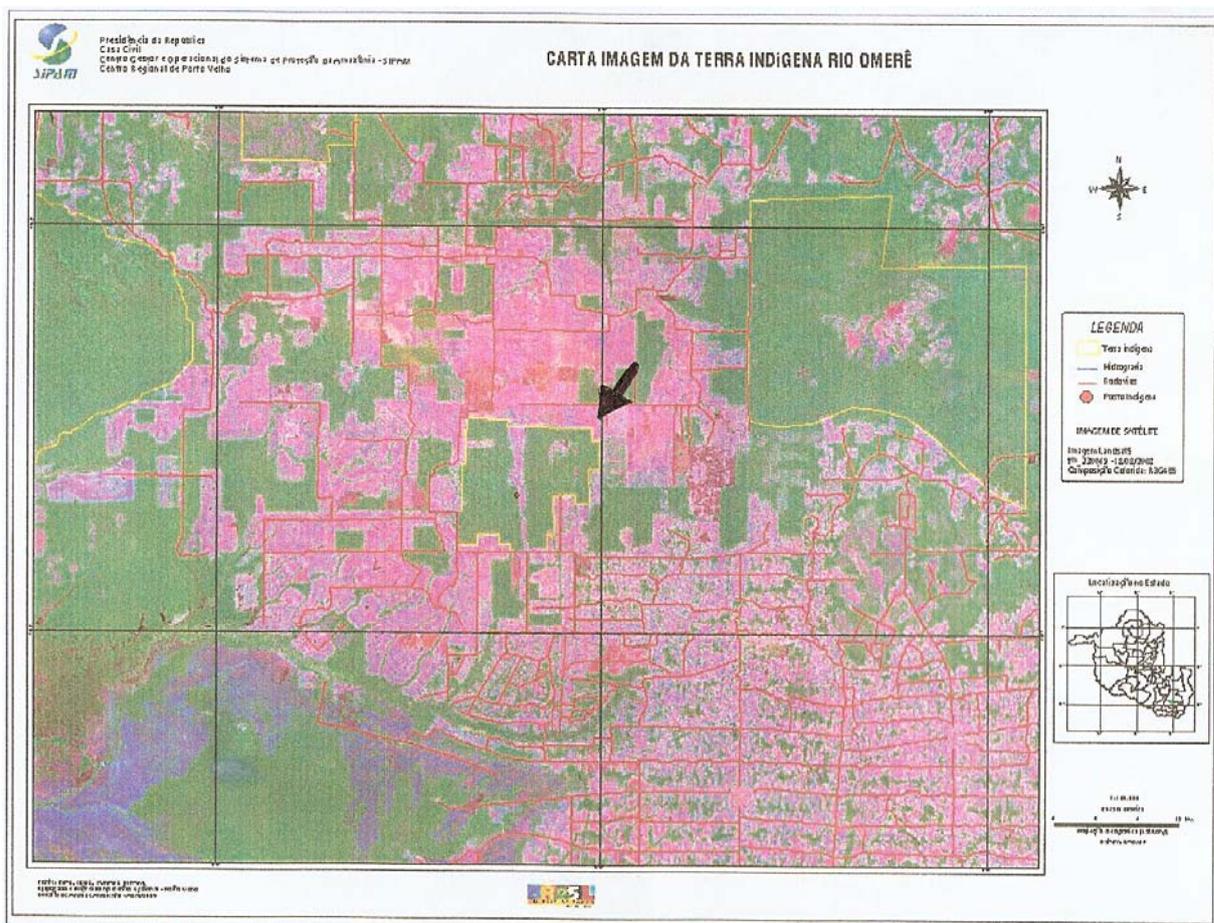
diferentes grupos indígenas da região, usado para designar índios de outras etnias. Os Kwazá, que vivem nas terras vizinhas, T. I. Kwazá e T. I. Tubarão-Latundê, usam a palavra *akutsu*ⁿ com referência a “índios estranhos” (Bacelar, 2004:298). Caspar também faz referência a esta palavra quando (1958:174-175) ressalta que:

“...os Tuparí lembravam os lendários *Wakotsón* que viviam na direção este. Eram sujeitos selvagens que não conheciam uma habitação coberta nem arco e flecha. Em vez de atirarem, paralisavam sua presa por esconjuramentos e a golpeavam com um porrete. Do mesmo modo, exterminavam seus inimigos: esperavam-nos dentro da mata, lá os paralisavam com suas rezas mágicas e os matavam em toda segurança com um golpe de maça”

Na Terra Indígena Rio Omerê vivem também três índios Kanoê monolíngües: Txiramantú, o seu filho Buquá e Purá, irmão de Txiramantú. Este reduzido grupo também foi vítima de extermínio ocorrido nas últimas décadas. Em 1995, época do contato, estavam reduzidos a apenas quatro pessoas. Txiramantú ensina seu filho de cinco anos (aproximadamente) a caçar e coletar, passando seus dias na mata ou em sua maloca, onde confecciona as flechas, faz pajelança e prossegue com seus demais costumes. Purá sem esposa e filhos costuma ir com maior frequência ao posto da FUNAI. Segundo Valadão (1996 e *apud* Bacelar 2004:42), a sobrevivência deste grupo deve-se à falecida mãe de Txiramantú e Purá ter fugido com seus filhos e sua sobrinha da antiga aldeia, após o suicídio coletivo cometido pelas mulheres Kanoê em razão do desaparecimento de seus respectivos maridos.

Entre a aldeia dos Kanoê e a dos Akuntsú existe uma faixa de terra desmatada onde há pasto e bois. No mapa apresentado em seguida podemos localizar a T.I Omerê (indicada por seta). A leste está localizada a aldeia dos Kanoê e a oeste o posto da FUNAI e a aldeia dos Akuntsú (aproximadamente 40 minutos de caminhada pela mata).

Mapa I: Carta imagem da T. I. Rio Omerê (FUNAI)



1.2.2 A língua Akuntsú

A língua Akuntsú é membro da família Tuparí, tronco Tupí, juntamente com a língua Makuráp, Tuparí, Mekéns, Wayoró e Kepkiriwat (esta já extinta). De acordo com Rodrigues (1999a), existem hoje no Brasil cerca de 220 povos indígenas e aproximadamente 180 línguas faladas. Ainda segundo Rodrigues, algumas línguas são faladas por 20.000 pessoas, enquanto outras são faladas por menos de 20 pessoas. A dos Akuntsú encontra-se entre estas últimas e faz parte do grave quadro brasileiro das línguas consideradas fortemente ameaçadas de extinção, tanto pelo número reduzidíssimo de seus falantes como por não poderem transmitir a língua nativa para outras gerações. Trata-se de uma língua fadada a desaparecer.

Os resultados do primeiro estudo lingüístico sobre esta língua foram reunidos em um relatório de identificação da língua Akuntsú, entregue à FUNAI em março de 2004. Nesse relatório foram apresentados dados lexicais e algumas frases na língua Akuntsú, além de várias informações etnográficas sobre o povo. Já nesse trabalho, Aragon e Cabral identificavam esta língua como uma língua Tuparí independente das demais línguas dessa família lingüística. As 17 horas e 45 minutos de dados gravados junto aos Akuntsú, que subsidiaram o estudo, foram fundamentais para a comparação da língua Akuntsú com várias outras do tronco Tupí, especialmente com línguas da família Tuparí (Tuparí, Wayoró, Mekéns e Makuráp). Esta comparação contou com a valiosa e fundamental colaboração do lingüista Aryon Dall’Igna Rodrigues. De alta importância para a comparação, foi o conhecimento sobre a fonologia e a gramática dessas línguas, especialmente a gramática do Tuparí de autoria de Caspar e Rodrigues (1957) e as etimologias Tupí organizadas por Aryon D. Rodrigues. Cabral e Aragon (2004a:23) afirmaram: “Definitivamente trata-se de uma nova língua, mais próxima do Mekéns do que das demais línguas da família Tuparí, mas não tão próxima a ponto de poder ser considerada um dialeto do Mekéns”.

Além deste estudo, foram publicados dois outros, um sobre a posição do Akuntsú na família Tuparí (Cabral e Aragon, 2005) e outro sobre a classificação da língua Akuntsú (Gabas Jr., 2005). Em Cabral e Aragon (2005), com base em um estudo preliminar da fonologia segmental do Akuntsú e em um estudo preliminar de aspectos gramaticais desta língua, foram apresentados argumentos adicionais à idéia de que o Akuntsú é uma língua independente da família Tuparí, embora mais próxima do Mekéns, como haviam dito estas autoras no relatório (Cabral e Aragon, 2004a). No estudo sobre a classificação da língua Akuntsú, Gabas Jr. apresenta uma lista comparativa de palavras da língua Akuntsú com palavras da língua Mekéns. Os dados do Akuntsú incluem tanto os coletados por Hargreaves, quanto os coletados por ele próprio. Neste estudo, Gabas Jr. observa que “...o Akuntsu é claramente uma língua da família Tuparí, distinta de todas as outras, exceto talvez do Mekéns...” e acrescenta “....dada a presença de um grande número de palavras muito semelhantes ou idênticas entre Akuntsú e Mekéns, não foi possível determinar se estas são línguas distintas ou se trata-se de dialetos da mesma língua.” Gabas Jr. ainda conclui neste estudo com respeito ao Akuntsú que: “... se trata de uma língua pertencente à família lingüística Tuparí, do tronco Tupí. Sua caracterização mais precisa, no entanto, ou como língua distinta (e portanto como quinto membro da família), ou como um dialeto do Mekéns, ainda não

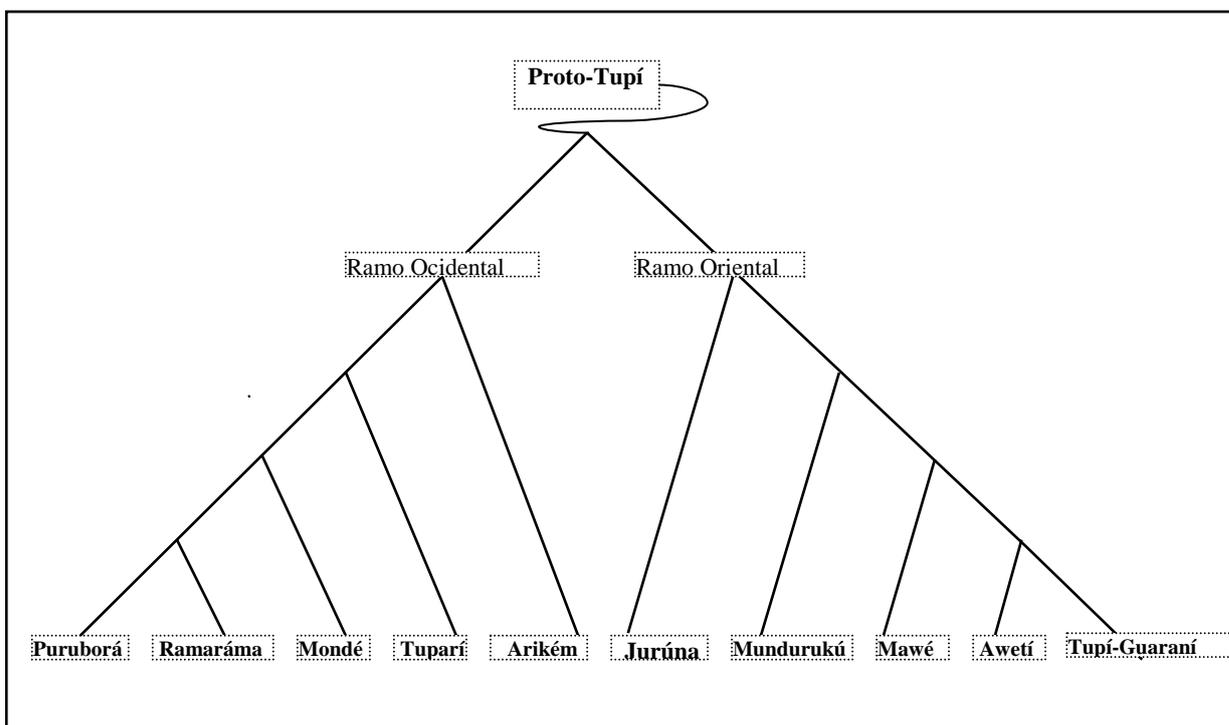
pôde ser determinada, levando-se em consideração os dados lingüísticos disponíveis (tabelas 1 e 2) e o contexto extra-lingüístico de análise (conversas naturais)”.

Um outro estudo realizado sobre a língua Akuntsú é de autoria de Aragon e Carvalho e consiste em uma descrição acústica das vogais do Akuntsú (no prelo).

1.3 Breve histórico sobre os povos da família lingüística Tuparí

A expressão “Tronco lingüístico Tupí” foi usada pela primeira vez por Rodrigues (1955) e incluía a família lingüística Tupí-Guaraní e famílias menores, além de outras ainda menos conhecidas. O tronco lingüístico revisto por Rodrigues (1986, 1999b) constitui-se de dez famílias lingüísticas (Tupí-Guaraní, Awetí, Mawé, Jurúna, Mundurukú, Arikém, Tuparí, Mondé, Ramaráma, Puruborá). Este tronco, segundo Cabral e Rodrigues (2001, 2004), divide-se em dois ramos principais, o ocidental e o oriental, como mostra a representação arbórea (Cabral e Rodrigues, 2001) apresentada em seguida:

Figura I: Representação arbórea do tronco Tupí



As línguas do Tronco Tupí apresentam uma distribuição geográfica bastante peculiar (Rodrigues, 2007). Cinco das famílias lingüísticas – Arikém, Mondé, Puruborá, Ramaráma e Tuparí – são encontradas na região do Estado de Rondônia. Como observado por Rodrigues (2007), a maior concentração dessas famílias está junto aos tributários do rio Guaporé e do rio Aripuanã. Somente a família Arikém está localizada fora desta área, entre os rios Jamari e Jaciparaná, afluentes do Rio Madeira. Considerando o número e diversidade de famílias entre o Guaporé, o Madeira e o Aripuanã, Rodrigues (1958) e Urban (1992) propõem que o centro de dispersão dos povos Tupí, provavelmente, tenha sido em algum lugar dessa região.

Com relação aos povos da margem direita do Guaporé, onde se concentram os falantes da família lingüística Tuparí, há preciosas informações feitas por Caspar (1957, 1958 e 1975), Snethlage (1937, 1939), Lévi-Strauss (1948, 1955) e Curt Nimuendajú (1925). São informações de uma época em que muitos povos indígenas ainda não tinham sido extintos e não haviam sofrido fortes interferências externas.

Em 1975, Franz Caspar registrou em mapa a localização de etnias indígenas, dentre as quais destacou a presença, em 1934, no rio Corumbiara, os Kania, em 1943 os Massaká e em 1914 os Huari; em 1913, mais ao norte do Corumbiara, destacou a presença dos Koiá. Identificou, em 1934, no Rio Mequéns, os Guaratägaja e os Amniapã e em 1934/1948, no rio Colorado, os Macurap (Makuráp). Em 1937, Snethlage localizou os Amniapá (Mampiapá) nos afluentes superiores do Mequéns, os Guarataga e os Makurap no rio Colorado e, na cabeceira do Corumbiara, os Huari (Valadão, 1995) ².

Caspar (1958), ao mencionar os Makuráp, observa que este povo teve constante contato com o ‘branco’, desde o início dos seringais estabelecidos na região em 1910. Nessa época, segundo Caspar, a língua Makuráp já havia se transformado em “idioma intertribal”, o que contribuiu para que este povo exercesse “uma posição hegemônica” entre os povos do rio Branco e Colorado. Maldí (1991) ressalta que as relações intertribais ou “intersocietárias” sempre ocorreram através das festas de chicha e dos

² A antropóloga Virgínia Valadão iniciou seu trabalho na região do Omerê em 1986. Neste ano fez, para FUNAI, a primeira avaliação da Área Indígena Rio Omerê. Seus relatórios serviram para reforçar a incansável luta para a demarcação da área onde vivem atualmente os Akuntsú. Ela levantou, junto aos Akuntsú, informações diversas como a idade dos índios, aspectos observados sobre alguns de seus rituais, e registros lingüísticos. Em trabalho conjunto com o cinegrafista Vincent Carelli, que desde o início acompanhou e registrou em vídeo todo o difícil desenrolar do contato com os índios Akuntsú e Kanoê, documentaram importantes situações de fuga e de sobrevivência dos índios.

casamentos, e que, durante as festas de chicha, as aldeias se revezavam como anfitriã e como convidada, criando, segundo a autora, redes de solidariedade e reciprocidade.

Hanke (1949) coligiu dados da língua Mekéns no Posto Indígena Ricardo Franco, localizado num afluente do Guaporé. Estes dados foram analisados em cooperação com Swadesh e Rodrigues, sendo a base para o primeiro estudo comparativo que visava à classificação da língua Mekéns (Hanke, Swadesh e Rodrigues, 1958). Quando Hanke esteve entre os Mequéns, estes já estavam divididos em grupos e os chefes (caciques) de dois destes grupos estavam refugiados no Posto Indígena para se protegerem da intensa perseguição dos Huari. Miller, em 1983, também registrou informações sobre estes índios e, tendo como base seus dados arqueológicos, propôs que os chamados *Mequéns* durante o séc. XVII eram os povos Amniapa e Guarategaja. Galúcio (2001) afirma que, no século XX, a mesma denominação Mequéns é usada para os Amniapé (Amniapä), Guarategaja, Guaratira (Koaratira), Guarategaja (Korategayat) e para os Sakurabiat (Sakirabiat). Segundo esta autora, a autodenominação do grupo da Área Indígena Rio Mequéns é Sakirabiat, os quais, atualmente, dividem o território com os grupos Guaratira, Guarategayat e Siwkweriat.

Snethlage, em 1934, após iniciar sua viagem aos Makuráp, continuou o percurso até a Serra Allianza, indo, em seguida, até o Rio Mequéns e subindo para o Rio Branco. Durante este percurso, encontrou com os Wayoró ou Ajuru e registrou que estes já estavam reduzidos a pequenos grupos e que já tinham absorvido a cultura dos Makuráp. Segundo Snethlage, a língua Wayoró era uma mistura do Makuráp com outras línguas Tupí.

Lévi-Strauss (1955:330) observa sobre os Kepkiriwat:

“Convém acrescentar que os Nambiquara são inveterados fumantes de cigarros, ao passo que os outros vizinhos dos Tupi-Cavaíba, os Quepiquiriate e os Mondé, cheiram rapé com canudos insufladores. Assim, a presença no coração do Brasil, de um grupo de tribos sem tabaco representa um enigma...”

Foi o General Cândido Rondon que, em 1913, registrou um vocabulário com 117 *termos indígenas*, coletado no Rio Barão de Melgaço ou Maquêpiauê, junto ao então chefe indígena *Putequai Kepkiriwat*. E no ano de 1927, o etnógrafo João Barbosa

de Faria organizou outro vocabulário Kepkiriwat com um número bem maior de vocábulos (Rondon e Faria, 1948).

No que se refere à cultura material dos povos localizados à direita do Guaporé, Maldi (1991) afirma que muitos elementos se assemelham, outros são idênticos. A confecção do *marico*, cestas de vários tamanhos de fibras de tucum, tecidas em pontos miúdos ou médios, é um dos elementos comuns aos povos dessa região. Outros pontos também se assemelham como, por exemplo, a ausência do cultivo da mandioca "brava"; a construção de casas redondas, com esteio central, abrigando uma família extensa patrilocal; o consumo da chicha na alimentação regular e da chicha fermentada em ocasiões cerimoniais. Estas características levaram Maldi a denominar esta área de "Complexo do Marico", incluindo não só os falantes de línguas Tupí, como também falantes de línguas isoladas.

1.4 Sobre a história do contato dos Akuntsú e a situação atual

A Terra Indígena Rio Omerê situa-se na bacia do Rio Omerê, afluente do rio Corumbiara. O mapa, apresentado em seguida, localiza a cidade do Colorado do Oeste no sudeste do Estado de Rondônia. A entrada da T. I. Rio Omerê localiza-se a cerca de duzentos quilômetros desta cidade:

Mapa II: Estado de Rondônia



No séc. XVIII, o rio Guaporé é apontado como importante via de ligação fluvial entre Vila Bela (Mato Grosso) e Belém (Pará), local de muito comércio e exploração de minérios. Segundo relatos históricos, nesse período portugueses e espanhóis disputavam o domínio do Guaporé, tentando controlar a maior parte dos grupos indígenas que se encontravam nas proximidades. Porém, o grande impacto físico e cultural, sofrido pelos índios dessa área ocorreu no período em que se iniciou a extração da borracha, na passagem do século XIX para o século XX. Iniciou-se, então, o ciclo da borracha na região do Guaporé.

Conforme informações colhidas junto aos Akuntsú e os conhecimentos sobre os rios da região, pode-se supor que os Akuntsú viveram durante muito tempo à margem direita do Omerê, possivelmente em um grande território nas proximidades do rio Corumbiara. O desmatamento da área situada entre o alto Rio Omerê e o Corumbiara, que visava essencialmente ao extrativismo, à exploração de madeira e à implantação de fazendas, começou a intensificar-se no início da década de setenta (cf. Valadão, 1986). Foi nesse período, que Vilhena (situado na região próxima ao rio Corumbiara) começou a se formar. Essa cidade formou-se nas proximidades do igarapé Pires de Sá, em decorrência da construção da BR 364 (antiga BR 29) e de um campo de aviação com pista asfaltada³, o que impulsionou a vinda de novos interessados na colonização da região.

Com o incentivo do Governo, o INCRA, através do Projeto Corumbiara, iniciou a distribuição e liberação de lotes, objetivando a colonização da região. Segundo relatórios da FUNAI (1995), quando o INCRA iniciou a distribuição de terras, já havia sido notificado sobre vestígios da presença de índios na região. Desde 1976, regionais registravam junto à FUNAI a presença de índios isolados nos arredores dos rios Corumbiara e Omerê. Nos relatórios da FUNAI da época narra-se que um dos regionais chegou a atirar com espingarda, o que fez com que os índios corressem. Mesmo com informações recebidas sobre vestígios indígenas, o INCRA liberou os lotes e o desmatamento começou a ser devastador. Foi a partir desse momento que os grupos indígenas sobreviventes, como os Akuntsú, passaram a sofrer inúmeras perdas populacionais.

Em 1984, continuavam a chegar notícias à FUNAI de Vilhena sobre os conflitos entre “índios bravos” e madeireiros. Durante muitos anos, a FUNAI tentou desenvolver

³ (Cf. http://br.geocities.com/megasoft_informatica/cidades_de_ro.htm).

ações oficiais que sustassem o desmatamento na área ocupada por fazendeiros. Estes mantinham seus funcionários dia e noite trabalhando na destruição da área (extração de árvores e abertura de pastos) e impedindo a entrada dos funcionários da FUNAI, como mostra o trecho do relatório de Santos (1986):

“... tendo em vista o acelerado processo de colonização e o intenso desmatamento da região por fazendeiros e madeireiros, que mantinham peões armados aonde haviam sido encontrados vestígios indígenas”.

Foi em 1985 que uma equipe da FUNAI, coordenada pelo indigenista Marcelo dos Santos⁴, montou um primeiro acampamento na Fazenda Ivipitã, local onde ocorreu um suposto ataque de flechas aos tratores dos funcionários desta fazenda. Logo a equipe encontrou vários vestígios indígenas, como sinais de extração de mel, pinguelas de cipó e outros. Ainda nesse período, voltaram ao local da fazenda (num segundo acampamento) e lá encontraram duas roças indígenas, as quais pareciam estar há mais de um ano no local, destruídas por tratores, além de quatro roças novas também destruídas. Em 1994, a Frente de Contato Guaporé, chefiada por Marcelo dos Santos e coordenada por Altair Algayer⁵, registrou um acampamento recente de índios na beira do Rio Omerê. Nesta época, a situação política na região não tinha se alterado e a violência continuava imperando. A equipe continuou enfrentando situações difíceis e, inclusive, ameaças de morte. Marcelo dos Santos chegou a ser acusado de ter plantado índios em fazendas “particulares”.

Devido à falta de decisão política e à intensa burocracia que envolvia os processos de interdição da área, a demarcação ocorreu somente em 1995. Durante o intervalo de tempo até a demarcação, os fazendeiros da região puderam destruir roças, casas e vidas, conforme seus interesses, intimidando e pressionando de todas as maneiras a equipe da FUNAI.

O encontro com os Kanoê aconteceu em setembro de 1995, conforme relatório de Santos e Algayer (1995):

⁴ Foi chefe da Frente Guaporé e, juntamente com sua equipe, realizou um trabalho exaustivo para a interdição da Terra Indígena. Em 2005, assumiu a Coordenação de Índios Isolados da FUNAI, afastando-se em 2007, tendo sido escolhido para sucedê-lo o indigenista e historiador Elias dos Santos Bigio.

⁵ Atual chefe da Frente Guaporé, a qual assumiu em 2007, quando retornou a Vilhena após escapar das ameaças diretas de morte feitas a ele e a sua família.

“Encontramos dois índios na maloca, um homem de aproximadamente 20 anos e uma mulher de 25. Apesar de estarem visivelmente assustados com nossa presença, foram muito gentis e generosos, nos oferecendo banquetas para sentarmos e mamões para comer. Os dois índios falavam apenas sua própria língua, ininteligíveis para nós, vestidos com bermudas confeccionadas com restos de sacaria plástica de semente de capim e costurados com grossos fios de tucum.”

Em outubro de 1995, a apenas dez quilômetros da aldeia dos Kanoê e com a ajuda destes foi contatada parte dos índios que passaram a ser chamados de Akuntsú. Posteriormente foram contatados os demais membros do grupo, que, em sua totalidade era constituído de duas crianças, três mulheres e dois homens. Após o contato, Konibú, o líder do grupo, desceu poucas vezes para o acampamento da FUNAI, e sempre sem a companhia das mulheres, as quais eram vistas somente quando funcionários da FUNAI se deslocavam até a aldeia:

“As mulheres andam totalmente despidas e usam os cabelos curtos, quase raspados... e um colar formado por três conchas de rio amarradas ao redor do pescoço, idêntico aos colares usados pelas mulheres fotografadas por Lévi-Strauss no rio Pimenta Bueno.” (Valadão, 1995).

A Terra Indígena Rio Omerê foi homologada em 18 de março de 2006, mas ainda enfrenta problemas com o gado que continua ocupando grande faixa desmatada da T. I. Outro grave problema são as plantações de soja que tomam cada dia mais espaço nas redondezas, podendo causar impactos sérios nos igarapés da Terra Indígena do Rio Omerê e, conseqüentemente, na saúde dos Kanoê e dos Akuntsú.

1.5 A cultura material dos Akuntsú

Os Akuntsú têm malocas construídas em dois lugares da Terra Indígena. Na aldeia principal, local onde permanecem por mais tempo, têm três malocas, e na outra

aldeia têm duas malocas. Na minha última ida a campo, as malocas da segunda aldeia estavam apodrecidas e uma já tinha sido destruída pela ação do vento e da chuva. Na aldeia principal, as malocas foram recentemente reconstruídas para esperar o período de chuva. Na maloca situada na entrada da aldeia residem Konibú, Aramira, Tzarú e Enoté. Ao lado e mais ao fundo da maloca do Konibú estão localizadas as duas outras malocas, que pertencem a Pupák e a Ururu, sendo que uma delas encontra-se em fase de construção. Além dessas malocas, existe um pequeno abrigo, no qual Ururu passa momentos confeccionando seus adornos e preparando os alimentos, sempre protegida do sol. As malocas são em formato oval, cobertas por palmeiras de aricuri até o chão. Ao redor das malocas encontram-se suas roças.



Figura II:- Maloca localizada na entrada da aldeia

Quanto às roças, estas estão situadas tanto nos arredores da aldeia principal quanto nos arredores da aldeia secundária. Na roça da aldeia principal cultivam banana, mamão, cará, batata doce, mandioca, feijão, milho, pimenta e amendoim. A chicha é produzida pelas mulheres e consumida em todos os momentos, principalmente após o trabalho na roça. A chicha pode ser de milho, banana, mandioca ou pupunha. Entre os Akuntsú larvas (retiradas principalmente das árvores mamoi, buriti, aricuri e inajá) e mel são também muito apreciados.

Essa era a base alimentar comum aos índios da margem do Guaporé. Segundo Lévi-Strauss (1955:32), esses índios incluíam em sua alimentação o milho e o amendoim, sendo a mandioca um alimento de importância secundária. Segundo o autor, também cultivavam pimenta, cabaça, urucu, mamão, feijões, tabaco e algodão. Caspar (1957:95) comenta o seguinte com respeito aos alimentos consumidos pelos Tuparí:

“...era freqüente o consumo de larvas torradas, mal assadas, ou até cruas, hábito que os Tuparis partilhavam com outros indígenas e até com não-índios da região... Consumiam também os favos e larvas das colméias silvestres, e o mel misturado com água”.



Figura III: Retirando coró da árvore mamoiim



Figura IV: Retirada do mel



Figura V: Recipiente usado para carregar mel.

Os Akuntsú cultivam também urucu, fumo e algodão. O urucu é usado para pintar os cabelos, braceletes e tornozeleiras. As mulheres são detentoras de uma técnica de preparação da tinta de urucu, cujo primeiro passo consiste na coleta do urucu ainda verde. Em um segundo momento, elas retiram as sementes do urucu, que são, em seguida, misturadas à água. Dessa mistura extraem a tinta vermelha que vai ao fogo, onde permanece até atingir uma consistência pastosa. Em seguida, a tinta está pronta para uso. O produto resultante é misturado com gordura extraída do inajá e passada, por todos, nos cabelos.



Figura VI



Figura VII



Figura VIII



Figura IX



Figura X

Figuras VI, VII, VII, IX e X: Seqüência da preparação da tinta do urucu

Os Akuntsú extraem também a tinta do jenipapo e a passam verticalmente no corpo, com exceção do rosto. Atualmente, todos se pintam com o urucu, mas pelo que foi observado até o presente, apenas Pupák e Ururu pintam-se com jenipapo. Certa vez, Ururu pintou-se de jenipapo fazendo círculos com a tinta em algumas partes de seu corpo. Segundo explicou, era para passar a dor que sentia nas pernas. Konibú, no início do contato, era ainda visto pintado com jenipapo, o que se observa nas imagens gravadas pelo cinegrafista e indigenista Vicent Carelli.



Figura XI



Figura XII

Figuras XI e XII: Pupák e Ururu pintados de jenipapo

O fumo é apreciado por todo o grupo. A folha do fumo é retirada e colocada ao sol para secar. Socam o fumo até ficar bem esfarelado. Usam também o fumo para a fabricação de rapé, caso em que é misturado à casca de uma certa madeira, ainda não identificada. Essa mistura é socada no pilão, acrescida de cinzas e colocada ao fogo. Atualmente utilizam também fumo (trevo) que obtêm dos não-índios, uma vez que sua plantação de fumo é muito escassa. Valadão (1986) descreve a preparação do rapé, em que o fumo é misturado à água, formando uma pasta que, em seguida, é colocada numa taquara e secada ao fogo até formar uma barra dura, depois transformada em pó para a cheiração. Nos últimos anos, esta técnica não tem sido observada entre os Akuntsú.

Durante a cheiração de rapé, Konibú permanece sentado em seu banco de madeira, distanciado dos demais, e aparenta estar em um estado de transe. O ritual da pajelança inclui a retirada de algo de um corpo para outro, o que é feito por meio de sugação do mal que é depois cuspid. A pajelança é também vista como um meio de proteger as pessoas do encontro indesejável com cobras e onças. Durante a cheiração de rapé, fazem, em alguns momentos, uso do tubo inalador. Tanto mulheres quanto homens fazem intenso uso do rapé. Lévi-Strauss (1948, *apud* VALADÃO, 1995) ressalta o que observou quanto a esse ritual de pajelança nos grupos do rio Guaporé:

“...os índios da região do rio Guaporé parecem acreditar na existência de um fluido invisível que pode ser bom ou mau. Com gesticulações apropriadas os xamãs capturam, manipulam e incorporam esse fluido na comida, nos doentes ou nos corpos dos inimigos...”



Figura XIII



Figura XIV

Figuras XIII e XIV: Preparação do rapé



Figura XV: Cheirando rapé



Figura XVI: Cheirando rapé com tubo inalador



Figura XVII: Konibú fazendo a pajelança

Com algodão, confeccionam seus braceletes e tornozeleiras. Além destes adornos, gostam muito de colares, uns confeccionados de material plástico em formatos circulares ou triangulares, outros de sementes diversas ou de conchas. Aramira usa colar com três grandes conchas e as outras mulheres usam colares com conchas menores. Ururu usava no braço um bracelete com dentes de várias caças. Hoje repassou alguns desses dentes para o bracelete da Enotéi. Usam brincos, de preferência em formato triangular. Todos possuem o nariz furado na parte inferior, assim como o lábio superior e o lábio inferior, orifícios que são preenchidos sempre por finos e curtos enfeites de pau.

Os Akuntsú usam o fio do buriti para fazer suas saias e uma espécie de rabo comprido usado nas costas. Utilizam a fibra do tucum para a confecção dos maricos e redes.



Figura XVIII: Ururu fiando algodão

Costumam cortar seus cabelos antes da aplicação do urucu. Na época da seca, no período da queimada de suas roças, deixam os cabelos praticamente raspados. Este é também o período da coleta de mel e, segundo dizem, com o cabelo raspado evitam as vespas e as abelhas que fazem caminhos na raiz da cabeça. Fora deste período, costumam deixar a parte de trás dos cabelos mais compridos, podendo atingir a nuca. Porém, deixam a parte da frente sempre cortada em formato circular, com as orelhas sempre à mostra. Cortam os cabelos atualmente com tesouras e arrancam os fios menores com as pontas dos dedos cobertos de cinza. É também com cinzas que arrancam os cabelos das sobrancelhas, axilas, virilhas e pernas, uma prática que parece comum entre homens e mulheres. Segundo observado por Clastres (1934:85) durante seu convívio com os Guayaki, o cuidado que os índios possuem em retirar os pêlos do corpo significa:

“afirmar e preservar sem cessar sua humanidade com relação ao mundo natural, velar com consciência em não se deixar engolir pela selvageria da natureza. Daí o fato de não encontrar muito pêlo nos índios. Colocam eles um ponto de honra, a um tempo ético e estético, em se diferenciar dos animais. Os animais são peludos, os homens não são.”

Além da atividade do plantio, vivem também da caça e da coleta de alimentos silvestres. A caça é o alimento mais apreciado pelo grupo. Macacos e porcos-do-mato são presas bastante apreciadas pelos Akuntsú, assim como anta, veado, jabuti, cutia, mutum e jacu, entre outros animais encontrados na região. Coletam castanhas, assando-as e retirando-lhes a gordura. A pesca na área da reserva é muito escassa. Para conseguir pegar peixes suficientes para a alimentação na época da seca, é necessário atravessar o pasto da reserva e ir até o Rio Omerê. A pesca hoje é feita pelos homens, por meio de vara e anzol. Na época da seca, as mulheres também pescam, principalmente nos igarapés (quase secos). Elas utilizam também linha e anzol para pescar, assim como casca da palmeira aricuri para arremessar os peixes do córrego quase seco para a terra.

As flautas e canções estão sempre presentes no dia-a-dia dos Akuntsú. Konibú está sempre preparado para usar sua flauta de quatro furos. É após a execução da flauta que começa a cantar. As mulheres também cantam, porém em voz baixa. As festas ocorrem quando possuem muita caça no moquém. Festejam a caça morta e dançam desde o aparecimento da lua até o clarear do dia. Com exceção de Ururú, todos os demais participam ativamente das festas. Dançam e cantam no pátio e no final da festa os homens levantam suas flechas para o alto e simulam que estão atirando-as para matar o animal invisível; na seqüência, um forte grito de guerreiro é emanado.

Um relevante acontecimento cultural foi descrito por Valadão (1996), quando da primeira menstruação de Enotéi:

“A menina ficou menstruada e foi obrigada a ficar entre esteiras dentro da maloca do Konibú. Alimentada apenas com macaxeira e caldos, a menina aguardou o momento de sair do resguardo. Uma festa, para a qual estão convidados os Kanoê, está sendo preparada. Quem dançará de esteiras nas costas será Txiramantu (pajé dos Kanoê) e sua mãe que ficarão de braços dados com a menina. Enquanto o velho se dedicava à caça e as mulheres a moquear diversos tipos de carne, Pupák e Ururu saíram em busca de buriti para a confecção de novas roupas”.

Caspar (1958) relata um ritual dos Tuparí muito semelhante ao dos Akuntsú:

“Quando uma menina percebe pela primeira vez os sinais de sua maturidade, então a mãe comunica o fato ao pajé superior. Imediatamente ergue-se na maloca um tabique de folhas de

palmeira e esteiras, atrás da qual a jovem é aprisionada. Durante cinco dias ela não recebe nem água nem alimentos, até que o pajé benza uma jarrinha de chicha não fermentada para ela. Em hipótese alguma ela pode tocar carne ou peixe. Não pode sair do compartimento, não pode tomar banho e nem lavar-se... Somente depois de dois ou três meses o cativo é suspenso. O marido da jovem e seus parentes próximos partem para a caça. A jovem, porém, precisa jejuar rigorosamente por mais cinco dias e as mulheres passam terra úmida e podre na sua cabeça, para amolecer as raízes do cabelo. Quando voltam da caça, então o pajé realiza com eles uma cerimônia e as vizinhas arrancam-lhe os cabelos, e seu corpo e cabeça desnuda são pintados com tinta vermelha e preta”. (Caspar, 1958:201)

1.7 Conclusão

Neste capítulo apresentamos algumas informações históricas e etnográficas relativas ao povo Akuntsú, ainda muito pouco conhecido. Fizemos também breves comentários sobre o material lingüístico disponível sobre a língua Akuntsú.

CAPÍTULO 2 - Fonética e fonologia

2.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos os resultados de uma análise fonética dos sons da língua Akuntsú e descrevemos os ambientes em que ocorrem. A análise serve de suporte para a identificação das unidades fonológicas distintivas desta língua.

2.2 Análise fonética: consoantes

Foram identificados na língua Akuntsú, até o presente, 29 fones consonantais, dentre os quais, 17 oclusivos [p], [pp], [p̚], [b̚], [b], [t], [tt], [t̚], [d̚], [d], [k], [k̚], [g], [g̚], [k^w], [g^w] e [ʔ], dois africados [tʃ] e [dʒ], um fricativo [β], quatro nasais [m], [n], [ɲ] e [ŋ], dois flepes [r] e [ɾ] e três aproximantes [w], [j] e [ɟ]. Dos oclusivos, 13 são surdos [p], [pp], [p̚], [b̚], [t], [tt], [t̚], [d̚], [k], [k̚], [g̚], [k^w], [ʔ], e quatro sonoros [b], [d], [g], [g^w]. Dentre estes fones oclusivos, dois são alongados [pp] e [tt], dois são labializados, um surdo [k^w] e o outro sonoro [g^w], três são fortis não explodidos [p̚] [t̚] [k̚], e três são lênis não explodidos [b̚], [d̚] e [g̚]. Quanto aos nasais, todos são sonoros. Dos africados, um é surdo [tʃ] e o outro sonoro [dʒ]. Há, ainda, um fone fricativo sonoro [β] e dois flepes, um alveolar [r] e outro retroflexo [ɾ], ambos sonoros.

O quadro seguinte mostra os sons consonantais da língua Akuntsú, apresentando-os segundo o modo de articulação, o ponto em que são articulados e a sonoridade, isto é, a presença ou ausência de vibração nas cordas vocais.

Quadro 1: Sons consonantais

		Bilabiais	Alveolares	Alveo-palatais	Retro-flexos	Palatais	Velares	Lábio-velares	Glotais
Oclusivos	su	p pp p ^h b ^h	t tt t ^h d ^h				k k ^h g ^h	k ^w	ʔ
	so	b	d				g	g ^w	
Africados	su			tʃ					
	so			dʒ					
Fricativos	su								
	so	β							
Nasais	so	m	n			ɲ ɟ	ŋ		
Flepes			r		ɽ				
Aproximantes	so	w				j			

2.2.1 Descrição e ambientes de ocorrência dos sons consonantais

A presente descrição leva em conta as características articulatórias de cada som e os ambientes em que ocorrem.

➤ Oclusivos

[p] oclusivo bilabial *fortis*, breve, explodido, surdo, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[pu]	‘mão’
[peru]	‘papagaio (esp.)’
[pã'mã]	‘pama’
[pito'a]	‘fumo’
[pora'ki]	‘mutum’

[apa'ra]	‘banana’
[e'raɸi]	‘amanhã’
[uru'pega]	‘aracú (esp. de peixe)’
[apẽ'nãm]	‘abóbora’
[a'pɛ]	‘caminho’

[pp] oclusivo bilabial *fortis*, longo, surdo, explodido, ocorre em posição inicial de sílaba interna acentuada:

- /V.'_V

[baba'ppɛ]	‘cabaça’
[u'ppu]	‘minha mão’
[ɛba'ppa]	‘olho’
[a'ppaw]	‘coró (esp.)’

[p̚] oclusivo bilabial, surdo, não-explodido, ocorre em final de sílaba diante de oclusivo distinto quanto a ponto de articulação, ou seguido de silêncio:

- /V_#C, #

[tɔp̚'dut̚]	‘mandioca’
[kɪp̚'kap̚]	‘urucu’

- /V_#

[tup̚]	‘pai’
[ɛ:p̚]	‘folha’
[kap̚]	‘vespa’
[kup̚]	‘vermelho’
[ta'kip̚]	‘pau dele’

[b̚] oclusivo bilabial surdo, *lenis*, não-explodido, ocorre antes de silêncio:

- /V_#/

[aw'bab̥]	‘rim’
[i'kab̥]	‘papo dele’
[awi'ab̥]	‘mosca (esp.)’
[kab̥]	‘vespa’
[i'ʔab̥]	‘gordura dele’

[t] oclusivo alveolar *fortis*, breve, explodido, surdo, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[tu'tak̥]	‘neta.de.homem’
[tai'kop̥]	‘guariba’
[f̥in]	‘pequeno’
[pi'tu]	‘pulmão’
[ati'ti]	‘milho’
[aka'taba]	‘buriti’
[biri'ta]	‘traíra’
[kaga'tep̥]	‘taioba’
[o'tuap̥]	‘meu lugar de dormir’

[tt] oclusivo alveolar *fortis*, longo, explodido, surdo, ocorre em posição inicial de sílaba interna acentuada:

- /V.'_V

[ta'ttu]	‘tatu’
[wi'ttap̥]	‘tamanduá’
[kiri'tto]	‘aranha (gen.)’
[k ^w a'tto]	‘jacaré’
[u'ttat̥]	‘fogo’

[t̥] oclusivo alveolar não-explodido, surdo, ocorre em final de sílaba, diante de oclusivo distinto quanto a ponto de articulação ou sonoridade, ou seguido de silêncio:

- /_C, #

[kujt̥'pit̥]	‘peixe’
[put̥'kíp̥]	‘pescoço’
[utat̥'pumẽn]	‘lacreia’
[tít̥'pɛ]	‘figueira’
[kojt̥'bɛ]	‘irmã mais velha’
[k ^w at̥'pɛ]	‘céu’
[g ^w at̥'kãm]	‘camarão’
[mẽm'pit̥]	‘filho(a).de.mulher’
[ã'dit̥]	‘bochecha’
[ɛt̥]	‘nome’
[ɛ'k ^w it̥]	‘mel’
[bu:t̥]	‘antigo/velho’
[o'tat̥]	‘fogo’

[d̥] oclusivo alveolar *lenis*, não-explodido, ocorre antes de silêncio:

- /V_#

[mẽm'pid̥]	‘filho(a).de.mulher’
[ɛd̥]	‘nome’
[ɛ'k ^w id̥]	‘mel’

[k] oclusivo velar *fortis*, explodido, surdo, ocorre em início de sílaba:

- /_V

[ku]	‘anzol’
[kũj̃'kũj̃]	‘gavião’
[ku'rew]	‘arara (esp.)’

[kʰpita]	‘carrapato’
[kuʰpi]	‘cupim’
[kiaʰkupʰ]	‘sol (nosso calor)’
[kuraʰkura]	‘galinha’
[apeʰka]	‘beber’
[iʰko]	‘comida’

[kʰ] oclusivo velar não-explodido, surdo, ocorre antes de silêncio:

- /V_#

[peʰrɛkʰ]	‘comprido’
[ekʰ]	‘casa’
[takʰ]	‘filha.de.homem’
[tikʰ]	‘mosquito’

[gʰ] oclusivo velar *lenis*, não-explodido, sonoro, ocorre antes de silêncio:

- /V_#

[uʰtɛgʰ]	‘minha casa’
[tuʰtaɡʰ]	‘neta.de.homem’
[taɪʰbiɡʰ]	‘macaco preto’
[kʰbɛɡʰ]	‘mamão’
[beʰrɛɡʰ]	‘comprido’

[kʷ] oclusivo lábio-velar surdo, *fortis*, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[kʷaʰku]	‘jacu.do.mato’
[kʷãm]	‘macuco’

[u ^w k ^w arap ^ɿ]	‘minha ida’
[k ^w iri ^w mã]	‘amanhã cedo’
[k ^w a ^ɸ ɸin]	‘cobra (esp.)’
[ak ^w a ^ɸ mã]	‘cará roxo’
[u ^w k ^w a]	‘irmão da mulher’
[arak ^w i]	‘amendoim’
[pi ^w k ^w ak ^ɿ]	‘som’
[ek ^w ajak ^{wɿ} i]	‘capivara’

[ʔ] oclusivo glotal, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[ʔãm]	‘fio’
[ʔũ]	‘língua’
[ʔap ^ɿ]	‘gordura’
[ʔa]	‘fruto’
[i ^ɸ ɸiw]	‘está estragado’
[ku ^ɸ ʔa]	‘papagaio (esp.)’
[e ^ɸ ʔi]	‘sangue’

[b] oclusivo bilabial sonoro, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[beri ^ɸ beri]	‘esteira’
[bat ^ɸ ɛ]	‘jatobá’
[baja]	‘limpar’
[bik ^ɿ]	‘preto’
[buru ^ɸ tɛ]	‘estrela’
[i ^ɸ pɛbɔ]	‘pena dele’
[aba ^ɸ ba]	‘moscão (esp.)’
[eba ^ɸ be]	‘testa’

[d] oclusivo alveolar sonoro, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[ˈdítʰ]	‘nádegas’
[ˈdɛ̃n]	‘duro/forte’
[dɛˈru]	‘caucho’
[ˈdi]	‘mãe’
[dɔkiːˈrapʰ]	‘macaco prego’
[ɔɾɔˈdʒita]	‘bicho-preguiça’
[kiˈdapʰ]	‘cera (de abelha)’
[iˈdɛ]	‘cará (esp. de peixe)’
[mɛ̃nˈdi]	‘inajá’
[tʃuˈdi]	‘ararinha (esp.)’

[g] oclusivo velar sonoro, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[gu]	‘anzol’
[gaːˈru]	‘colar’
[gũmãnta]	‘feijão’
[ˈgite]	‘um’
[giriˈto]	‘aranha (gen.)’
[ˈpuga]	‘jabuti’
[kaŋgaˈʔi]	‘maracá’
[uˈtuga]	‘meu umbigo’

[g^w] oclusivo lábio-velar sonoro, explodido, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[g ^w i]	‘machado’
[g ^w aˈʔi]	‘pedra’

[g ^w i'ʔap̃]	‘banha’
[g ^w a'ku]	‘batata doce’
[g ^w iapi'kara]	‘clavícula’
[ara'g ^w ʝ]	‘amendoim’
[ɛ'g ^w it̃ tu'tu]	‘abelha rainha’
[ag ^w a'mã]	‘cará grande’
[u'g ^w a]	‘irmão.de.mulher’
[ag ^w a'pɛ]	‘pêlos pubianos’

➤ **Africados**

[tʃ] africado alveopalatal explodido, surdo, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[tʃa'ra]	‘arraia’
[tʃɛrɛ'ka]	‘cortar’
[tʃa'ruj]	‘nome de mulher’
[tʃaru]	‘amarelo’
[tʃatʃa'kup̃]	‘formiga (esp.)’
[u'tʃua]	‘me vê’
[o'tʃɛ]	‘nós (excl.)’
[pu'tʃu]	‘braço’
[a'tʃo]	‘grande’
[ɔw' tʃa]	‘chifre’

[dʒ] africado alveopalatal sonoro, ocorre em início de sílaba:

- /._V

[dʒaw'ka]	‘derramar’
[dʒara'bura]	‘arara azul’

['dʒami]	‘bom’
[taw'dʒɛ]	‘porcão’
[po'dʒo]	‘braço’
[adʒu'ap̃]	‘banho’
[pia'dʒa]	‘calcanhar’

➤ **Fricativo**

[β] fricativo bilabial sonoro, ocorre em início de sílaba, em posição intervocálica:

- /V._V

[u'βi]	‘meu pé’
[o'βo]	‘minha mão’
[eba'βa]	‘olho’

➤ **Flepe**

[r] flepe alveolar sonoro, ocorre em início de sílaba, em posição intervocálica:

- /V._V

[ki'kara]	‘nós caímos’
[oro'ro]	‘algodão’
[kɛɾɛ'ki]	‘costela’
[uru'kuj]	‘laranja’
[ɛɾɛ'k ^w a]	‘falar’

[ɾ] flepe alveolar retroflexo sonoro, ocorre em início de sílaba, em posição intervocálica:

- /V._V

[kɔbɔ'ɾɛ]	‘tipo de taquara’
[ɔɾɔ'ɾi]	‘paneiro’
[ɔɾa'ɾita]	‘bicho-preguiça’

➤ **Nasais**

[**m**] nasal bilabial sonoro, ocorre em início e em final de sílaba:

- /._V

[mēm'pitʰ]	‘filho(a) de. mulher’
[mākita'kupʰ]	‘quatipuru’
[mã'ʔã]	‘colocar; vestir’
[māku'rɛ]	‘jaborandi’
[kũmãn'ta]	‘feijão’
[arã'mĩrã]	‘mulher’
[mɛnɛ'mĩ]	‘mosca pequena (esp.)’
[wãmõã]	‘pajé’
[kɛmã'ʔutʰ]	‘arroto’

- /V._

[ãm'pita]	‘nariz’
[mēm'pitʰ]	‘filho.de.mulher’
[ãm'pɛ]	‘pente’

[**n**] nasal alveolar sonoro, ocorre em início e em final de sílaba:

- /._V

[nĩ'rãm]	‘evacuar’
----------	-----------

[ní'ŕã]	‘cantar’
[nõm]	‘não’
[nẽ'pu]	‘pulseira’
[ẽ'ní]	‘rede’
[ã'nũã]	‘coração’
[i'nũ]	‘o outro’
[tʃãní'mẽ]	‘zog-zog’

• /N_.

[mĩn]	‘vagina’
[tĩn]	‘pequeno (atenuativo)’
[tẽn]	‘duro/forte’
[k ^w a'tĩn]	‘cobra (esp.)’
[kõman'ta]	‘feijão’
[nãn'ku]	‘homem’
[mẽn'di]	‘inajá’

[ɲ] nasal palatal sonoro, ocorre em início de sílaba, diante de vogal nasal:

• /._Ũ

[ɲãpi'tura]	‘axilas’
[ɲẽ]	‘boca’
[ɲũmbikaba'kapʷ]	‘cueca’
[ɲãki'pɛ]	‘colher’
[ɲũg ^w etʷ]	‘tucano’
[tʃãɲã]	‘brinco’
[kũɲã]	‘coelho’
[utatʷ'ɲẽn]	‘cinzas’
[kẽɲẽ]	‘café’

[ŋ] nasal velar sonoro, ocorre em final de sílaba precedendo som oclusivo velar ou diante de silêncio:

- /N_C_[velar]

[pẽníŋget̚]	‘barata grande do mato’
[níŋga]	‘tecer’
[ãníŋga]	‘rato’
[kãŋgaʔi]	‘maracá’
[ujkõãŋkɨp̚]	‘minha mandíbula’

- /_#

[níŋ]	‘fumaça’
[ʔãŋ]	‘pênis’

➤ Aproximantes

[w] aproximante bilabial sonoro, ocorre no início e em final de sílaba:

- /._V

[waʔi]	‘pedra’
[watawa]	‘ave (esp.)’
[wiri]	‘dia’
[waka]	‘voar’
[wi'tap̚]	‘tamanduá’
[waj'tap̚]	‘furo labial’
[awi'ab̚]	‘mosca (esp.)’

- /N_.

[dʒaw'ka]	‘derramar’
[tawdʒɛ'fin]	‘caititu’

[bawra'pɛ]	‘abanador’
[kiri'to aw'ʔã]	‘teia de aranha’
[baw'ru]	‘pica-pau (esp.)’
[g ^w ɛw]	‘sombra’
[a'baw]	‘coró’
[baw'baw]	‘vento’
[i'ʔjw]	‘estragado’

[j] aproximante bilabial oral sonoro, ocorre em início e em final de sílaba, em contexto não-nasal:

- /._V

['baja]	‘limpar’
[ek ^w ajak ^{wɨ}]	‘capivara’
['bujapˀ]	‘cortar (pau)’
[oj'kapˀ]	‘flauta (de osso)’
[kujtˀpitˀ]	‘peixe’
[kujtˀbɛ]	‘irmã mais velha’
[waj'tapˀ]	‘furo labial’
[aj'tʃi]	‘esposa’

- /V_.

[uru'kuj]	‘laranja’
[waraj]	‘perereca (esp.)’
[ato'puj]	‘enterrar’
[iri'baj]	‘pássaro (esp.)’
[tʃa'ruj]	‘nome de mulher’
[to'kej]	‘formiga (esp.)’

[j̃] aproximante alveopalatal nasal sonoro ocorre em início e em final de sílaba, em contexto nasal:

- /._Ṽ

[j̃ã]	‘dente’
[j̃õ]	‘tio’
[j̃õ'nẽbo]	‘grilo (esp.)’
[j̃ãm]	‘banco’
[a'mũj̃ã]	‘dançar’
[õj̃'bɛ]	‘rapé’

- /Ṽ_.

[kõj̃]	‘socar’
[mũj̃]	‘farofa’
[pe'kõj̃]	‘pimenta’

2.3 Análise fonética: vogais

Na produção das vogais, há distinção de três graus de altura – alto, médio e baixo – e de três posições relativas ao avanço e recuo da língua – anterior, central e posterior, sendo o traço arredondado associado somente às vogais posteriores.

Foram identificadas vogais longas nos dados do Akuntsú, mas os exemplos são ainda muito poucos para que se possa chegar a uma interpretação das mesmas.

Quadro 2: Sons vocálicos

		anteriores	centrais	posteriores	
		não-arredondados			arredondados
altos	fechados orais	[i] [i]	[ɨ] [i:] [ɨ]	[ɯ]	[u] [u:] [ɯ]
	nasais	[ĩ]	[ɨ̃]	[ũ]	[ũ] [ũ]
	abertos orais	[ɪ]			[ʊ]
médios	fechados orais	[e]			[o] [o]
	fechados nasais	[ẽ]			[õ] [õ]
	abertos orais	[ɛ] [ɛ:]		[ʌ]	[ɔ] [ɔ]
	abertos nasais	[ɛ̃] [ɛ̃]			[ɔ̃]
baixos	abertos orais	[æ] [æ:]	[a] [a:] [a]		
	abertos nasais		[ã] [ã]		

2.3.1 Descrição e ambientes de ocorrência dos sons vocálicos

2.3.1.1 Oraís

➤ **Anteriores**

[i] anterior alto fechado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[i'tʃɛ]	‘maracajá’
[atiti]	‘milho’
[i'pi]	‘pé dele’
[g ^w i]	‘machado’
[biri'ta]	‘traíra’
[i'ʔabʔ]	‘gordura dele’

[ɪ] anterior alto aberto oral, ocorre contíguo ao som oclusivo alveolar surdo:

[kujtʔbitʔ]	‘peixe’
[o'ti]	‘minha mãe’
[atɪ'ti]	‘milho’

[e] anterior médio fechado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[e'rapɪ]	‘amanhã’
[konɪ'bu 'era]	‘Kunibú dorme’
[eba'gi]	‘lágrima’
[pe'ʔa]	‘lenha’
[ere'to]	‘magro’
[ea'mĩnã]	‘teu joelho’

[ɛ] anterior médio aberto oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[i'pebo]	‘asa dele’
[mãpikɪ'tʃɛ]	‘taboca’
[ururu'bɛ]	‘roupa’
[ɛkʔ]	‘casa’

[iɛ'ko]	‘urubu’
[ɛa'nãm]	‘tua cabeça’

[æ] anterior baixo aberto oral, ocorre contíguo a consoante oclusiva bilabial em sílaba acentuada:

[i'pækʔ]	‘pato’
['æpʔ]	‘folha’
[ki'bægʔ]	‘mamão’
[u'pæ]	‘minha pele’

➤ Centrais

[i] central alto fechado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[i'gi]	‘água’
['di]	‘urina’
[k ^w irikibi'ta]	‘raiz do açai’
[tɔi'kopʔ]	‘bugiu’
[kipʔkatʔ]	‘vigas (da casa)’
[ɛ'ʔi]	‘sangue’
[i'k ^w aj]	‘anta’
[iɛ'ko]	‘urubu’

[a] central baixo aberto oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[te'k ^w ara]	‘ele foi’
[aba'tʃu]	‘avô’
[kaga'tɛpʔ]	‘taioba’
[i'tʃapʔ]	‘jati’
[ɛ'ʔabʔ]	‘tua gordura’

[ua'nũã] 'meu coração'

➤ **Posteriores**

[u] posterior não-arredondado alto fechado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[kup^h 'pebu] 'ventania'

['duuru] 'dois'

[kup^h] 'piolho'

[touw'kup^h] 'bugio'

[u'ra] 'saúva'

[ue'ko] 'urubu'

[u] posterior alto aberto arredondado, oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[uɾu'kuj] 'mexirica'

[tiɛ'ru] 'chicha'

[u'tek^h] 'minha casa'

[ʔu] 'língua'

[kup^h 'pebu] 'ventania'

[ʌ] posterior médio aberto não-arredondado, oral, ocorre em sílaba pré-tônica:

[tʌp^h'tut^h] 'mandioca'

[ʌti'ti] 'milho'

[u] posterior alto fechado arredondado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[u'top^h] 'meu pai'

[tʃu'di] 'ararinha (esp.)'

[upur'kip^h] 'pau (usado na orelha)'

[pot^h'kip^h] 'pescoço'

[e'ʔu] 'barriga'

[ua'kũɲã] 'minha barba'

[o] posterior médio fechado arredondado oral, ocorre em ambiente não-nasal:

[oro'ro] 'algodão'
[o't[ɛ 'tɛ̃ɡ̃] 'nossa (excl.) casa'
[ɛ'top̃] 'teu pai'
[i'kop̃] 'é vermelho'
[toga] 'umbigo'
[ɛ'ʔo] 'barriga'
[oj'kap̃] 'flauta (de osso)'
[oa'nãm] 'minha cabeça'

[ɔ] posterior baixo aberto arredondado oral, ocorre em posição pré-tônica, em ambiente não-nasal:

[ɔɔ'g^wi] 'amendoim'
[ɔ'tat̃] 'fogo'
[ɔmẽ'ku] 'onça'
[tɔp̃'be] 'casca'
[tɔɔ'rita] 'cascavel'
[tɔp̃'dut̃] 'mandioca'

2.3.1.2 Nasais

➤ **Anteriores**

[ĩ] anterior alto fechado nasal, ocorre contíguo a consoantes nasais ou na ausência dessas consoantes:

[pẽŋ'ket̃]	‘barata’
[kũní'kũní]	‘gavião’
[tʃãní'mẽ]	‘zog-zog’
[níʔa]	‘cantar’
[uí'ka]	‘me cheira’
[tʃubɛ'kĩ]	‘cheiroso’

[ẽ] anterior médio fechado nasal, ocorre contíguo a consoantes nasais ou na ausência dessas consoantes:

[mẽm'pit̃]	‘filho.de.mulher’
[mẽn'ti]	‘inajá’
[kwẽ'kwẽ]	‘tesoura’
[wa'ʔẽ]	‘panela’

[ĕ] anterior médio aberto nasal, ocorre contíguo a consoantes nasais ou na ausência dessas consoantes:

[utat̃ 'ɲĕn]	‘cinzas’
[tĕn]	‘duro/forte’
[mĕn]	‘marido’
[ɲĕn]	‘fede’
[wa'ʔĕ]	‘panela’
[kwĕ'kwĕ]	‘tesoura’
[wĕrũ'wĕrũ]	‘abelha europa’

➤ **Centrais**

[i] central alto fechado nasal, ocorre contíguo a consoantes nasais:

[mã'mãira]	'torrar'
[apitep'kãmã]	'ouvido'

[ã] central baixo aberto nasal, ocorre contíguo a consoantes nasais ou na ausência dessas consoantes:

[nĩ'ãm]	'trançado'
[kwiri'mã]	'amanhã (cedo)'
[nĩ'ã]	'cantar'
[ã'dit']	'bochecha'

➤ **Posteriores**

[ũ] posterior não-arredondado alto fechado oral, ocorre contíguo a consoantes nasais:

[mã'mũira]	'torrar'
[apitep'kũmã]	'ouvido'

[ũ] posterior alto fechado arredondado nasal, ocorre contíguo a segmento consonantal nasal:

[oa'nõã]	'meu coração'
[nũ'gwet']	'tucano'
[pe'kũj]	'pimenta'
[kũj'kũj]	'bagre'

[õ] posterior médio fechado arredondado nasal, ocorre contíguo a consoante nasal:

[kõn'kõnã]	'cigarra'
------------	-----------

[õnẽ]	‘eu’
[nõm]	‘não’
[ã'nõã]	‘coração’

[õ] posterior baixo aberto arredondado nasal, ocorre em posição pré-tônica seguido de consoante nasal bilabial:

[õm'pera]	‘abacaxi’
[õmẽ'gũ]	‘onça’

2.3.1.3 Vogais longas

Até o presente, foram identificadas as vogais longas [i:], [ɛ:], [u:], [a:] nos seguintes dados:

[dɔki:'rap̃]	‘macaco prego’
[ɛ:p̃]	‘folha’
[bu:t̃]	‘antigo/velho’
[ga:'ru]	‘colar’
[dʒai:'rɛ]	‘beija-flor (esp.)’
[i'ti:]	‘veado’

2.3.1.4 Vogais laringalizadas

As vogais laringalizadas orais [i̠], [ɛ̠:], [i̠], [a̠], [u̠], [ɔ̠] e [ɔ̠], assim como as nasais [ɛ̠̃], [ã̠̃], [ũ̠̃], [õ̠̃] ocorrem precedidas de oclusiva glotal, em sílaba acentuada:

[wa'ʔi̠]	‘pedra’
[pe'ʔa̠]	‘lenha’

[aw'ʔaw]	‘bebê’
[ɛ'ʔo]	‘barriga’
[wə'ʔɛ]	‘panela’
[ʔo]	‘língua’
[ɛ'ʔu]	‘barriga’
[mã'ʔã]	‘colocar; vestir’
[ɛ'ʔi]	‘sangue’
[ʔu]	‘língua’

Vogais laringalizadas ocorrem também em outros ambientes:

[i'pɛbu]	‘pena dele’
[ɔrɔ'dita]	‘bicho-preguiça’
[ɛ:pʰ]	‘folha’
[ɔrɔ'g ^w i]	‘amendoim’
[kɪ'bɛg ^ʔ]	‘mamão’

2.4 Fonologia segmental

O conceito de fonema usado neste estudo segue definições de Saussure, Trubetzkoy e Jakobson. Para Saussure “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (Saussure, 1969:138). Trubetzkoy (1969), avançando na análise, define o fonema, em termos gerais, como constituinte mínimo cujas propriedades fônicas formam oposições distintivas. E, por sua vez, Jakobson, baseado nos estudos anteriores, amplia as análises precedentes, conceituando o fonema como “um conjunto de traços distintivos de um som vocal” (1972:22), em que cada segmento vai caracterizar-se por “dois termos de uma oposição que apresenta uma propriedade

específica diferencial, em divergência com as propriedades de todas as demais oposições” (1972:103). Todos estes conceitos integram um significado amplo de fonema que constitui o fundamento inicial para esta análise fonológica.

Os fonemas da língua Akuntsú foram estabelecidos a partir de suas funções distintas dentro do sistema fonológico desta língua. De acordo com Trubetzkoy (2008:76), “o propósito de contrastar sons entre si é diferenciar significados”; deste modo a funcionalidade de cada som foi identificada mediante contrastes entre pares de palavras minimamente distintos e/ou análogos.

Utilizou-se a noção de classes naturais (Chomsky e Halle, 1968), na qual os sons que possuem em comum um ou mais traços distintivos são reunidos na mesma classe, ao invés de serem unicamente analisados como sons individuais. O conceito de traços distintivos segue a definição usada por Jakobson (1972:102), em que “a análise distintiva decompõe as unidades enunciadas em morfemas como constituintes últimos de significação própria, e dissolve seus componentes finais (os chamados traços distintivos) capazes de diferenciar os morfemas uns dos outros”. Além dos traços em comum, os segmentos foram agrupados e alinhados numa mesma classe natural devido à tendência de operarem juntos em processos fonológicos. No presente estudo, os fonemas consonantais foram agrupados nas seguintes classes: oclusivos e africados, nasais, aproximantes.

Quanto aos fonemas vocálicos, estes foram classificados quanto a características fonéticas de sua produção - grau de elevação da língua (alto e não alto), ponto relativo ao avanço e recuo da língua (anterior, central e posterior), arredondamento dos lábios (arredondado e não arredondado) e nasalidade (nasal *versus* oral).

2.4.1 Fonemas consonantais

São onze os fonemas consonantais, divididos em oclusivos e africados, nasais e aproximantes.

Quadro 3: Fonemas consonantais

	Labiais	Alveo- lares	Álveo- palatais	Palatais	Velares	Lábio- velares	Glotais
Oclusivos e africados	/p/	/t/	/tʃ/		/k/		/ʔ/
Nasais	/m/	/n/			/ŋ/		
Aproximantes		/r/		/j/		/w/	

2.4.1.1 Pares mínimos e/ou análogos

Os pares mínimos e/ou análogos foram buscados para verificar a distinção funcional dos sons. Deste modo, foram colocados em oposição os sons que são articulatoriamente semelhantes:

/p/ - /m/

/poraki/	[pora'ki]	‘mutum’
/mora/	[mõra]	‘jogar’
/epo/	[e'pu]	‘tua mão’
/emo/	[ẽmũ]	‘também’
/ipa/	[i'ba]	‘volta’
/ima/	[i'ĩmã]	‘guarde isso!’

/ʔap/	[ʔap̚]	‘gordura’
/ʔam/	[ʔãm]	‘fio’

/p/ - /w/

/pi/	[pi]	‘pé’
/wi/	[wi]	‘machado’
/piri/	[piri]	‘aberto’
/wiri/	[wiri]	‘dia’
/ipap/	[iʔap̚]	‘morto’
/pawpaw/	[bawʔaw]	‘vento’

/m/ - /w/

/men/	[mẽn]	‘marido’
/wen/	[wẽn]	‘acabar’
/mia/	[mia]	‘matar’
/wia/	[wia]	‘subir’
/ampita/	[amʔbita]	‘nariz’
/awpap/	[awʔap̚]	‘rim’
/kem/	[kẽm]	‘seios’
/wew/	[g ^w ew]	‘sombra’

/m/- /n/

/maʔã/	[mãʔã]	‘colocar/vestir’
/niʔã/	[nĩʔã]	‘cantar’
/wamoa/	[wa'mũã]	‘pajé’
/anoa/	[a'nũã]	‘coração’
/emo/	[ẽmũ]	‘também’
/ino/	[i'nũ]	‘outro’
/kem/	[kẽm]	‘seios’
/men/	[mẽn]	‘marido’

/m/ - /ŋ/

/ʔam/	[ʔãm]	‘fio’
/ʔaŋ/	[ʔãŋ]	‘pênis’

/n/ - /ŋ/

/tin/	[tĩn]	‘pequeno’
/niŋ/	[nĩŋ]	‘fumaça’
/min/	[mĩn]	‘vagina’
/niŋ/	[nĩŋ]	‘fumaça’

/n/ - /r/

/kana/	[kã'nã]	‘castanha’
/kara/	[kara]	‘cair’
/konikoni/	[kũnĩ'kũnĩ]	‘gavião’

/korakora/	[kura'kura]	'galinha'
/penam/	[pẽ'nãm]	'borboleta (esp.)'
/pera/	[pe'ra]	'arara vermelha'
/eni/	[e'ni]	'rede'
/era/	[era]	'dormir'

/t/ - /n/

/tin/	[tɪn]	'pequeno'
/niŋ/	[niŋ]	'fumaça'
/tepo/	[te'pu]	'sua (própria) mão'
/nepo/	[nẽ'pu]	'pulseira'
/eto/	[e'tu]	'cesto'
/ino/	[i'nũ]	'o outro'
/ten/	[tẽn]	'duro/forte'
/etet/	[e'tet̃]	'teu nome'

/t/ - /r/

/atiti/	[ati'ti]	'milho'
/iriri/	[i'ri:ri]	'lagarto (esp.)'
/ete/	[e'tet̃]	'teu nome'
/erewa/	[eɾe'k ^w a]	'falar'
/ototo/	[utu'tu]	'minha vovó'
/ororo/	[uru'ru]	'algodão'

/t/ - /tʃ/

/toka/	[ˈtuga]	‘umbigo’
/tʃoka/	[ˈtʃuga]	‘morder’
/topaka/	[tubaˈka]	‘acasalar’
/tʃope/	[tʃuˈbe]	‘gostoso’
/tap/	[ˈtapˀ]	‘cabelo’
/itʃap/	[iˈtʃapˀ]	‘jati (esp. de abelha)’
/kite/	[ˈkite]	‘um’
/kitʃe/	[kiˈtʃɛ]	‘nós (incl.)’

/t/ - /j/

/jāj/	[ˈnãj]	‘dente’
/taj/	[ˈtaj]	‘comprido’
/jerom/	[ˈɲerũm]	‘aquele’
/tero/	[tɛˈro]	‘caucho’
/ojāj/	[uˈnãj]	‘meu dente’
/otat/	[oˈtatˀ]	‘fogo’

/k/ - /ŋ/

/tik/	[ˈtikˀ]	‘mosquito’
/niŋ/	[ˈnĩŋ]	‘fumaça’
/ek/	[ˈɛkˀ]	‘casa’
/ʔaŋ/	[ˈʔãŋ]	‘pênis’

/k/ - /ʔ/

/ʔap/	[ʔab̥]	‘gordura’
/kap/	[kap]	‘vespa’
/eʔi/	[eʔi]	‘sangue’
/ki/	[ki]	‘líquido’
/iʔap/	[iʔab̥]	‘gordura dele’
/ikap/	[ikap]	‘papo dele’

/k/ - /w/

/kap/	[kap]	‘vespa’
/wam/	[k ^w ãm]	‘macuco’
/kara/	[kara]	‘cair’
/wara/	[k ^w ara]	‘ir’
/ikit/	[i'git̥]	‘semente (de fruto)’
/iwi/	[i'g ^w i]	‘ombro dele’
/tak/	[tak̥]	‘filha.de.homem’
/awʔaw/	[awʔaw]	‘bebê’

/tʃ/ - /j/

/tʃoka/	[tʃuga]	‘morder’
/joma/	[jũmã]	‘misturar’
/tʃope/	[tʃuʔe]	‘gostoso’
/jonepo/	[nũnẽbu]	‘grilo (esp.)’

/patʃe/	[bɑtʃɛ]	‘jatobá’
/paja/	[ˈbaja]	‘limpar’

/j/-/ n/

/nom/	[ˈnũm]	‘não’
/jõj/	[ˈɲõj]	‘tio’
/koni/	[kũní]	‘espinho’
/kojã/	[kũɲã]	‘coró (esp.)’
/anam/	[aˈnãm]	‘cabeça’
/tʃajã/	[tʃaɲã]	‘brinco’
/on/	[ˈõn]	‘eu’
/jõj/	[ˈɲũj]	‘tio’

/j/-/r/

/paja/	[ˈbaja]	‘limpar’
/kara/	[ˈkara]	‘cair’
/ejẽ/	[ɛˈɲẽ]	‘tua boca’
/erewa/	[ɛrɛˈk ^w a]	‘falar’
/kejẽ/	[kɛˈjẽ]	‘café’
/kere/	[kɛˈrɛ]	‘cintura’

2.4.1.2 Fonemas e alofones

Foram identificados para cada fonema os seguintes alofones.

Oclusivos e africados

/p/ oclusivo labial

Alofones:

[p̚] e [b̚] em variação livre quando em final de palavra:

	[p̚]	~	[b̚]	
/kipkap/	[kip̚'kap̚]		[kip̚'kab̚]	'urucu'
/awpap/	[aw'pap̚]		[aw'bab̚]	'rim'
/kap/	[kap̚]		[kab̚]	'papo'
/awiap/	[awi'ap̚]		[awi'ab̚]	'mosca (esp.)'
/iʔap/	[iʔap̚]		[iʔab̚]	'gordura dele'

[p], [pp], [pb], [b] e [β] alternam em início de sílaba interna acentuada:

	[p]	~	[pp]	~	[pb]	~	[b]	~	[β]	
/opi/	[u'pi]		[u'ppi]		[u'pbi]		[u'bi]		[u'βi]	'meu pé'
/opo/	[o'po]		[o'ppo]		[o'pbo]		[o'bo]		[o'βo]	'minha mão'
/epapa/	[eba'pa]		[eba'ppa]		[eba'pba]		[eba'ba]		[eba'βa]	'olho'

[p] e [b] alternam-se também precedidos por silêncio ou por consoante, assim como quando em início de sílaba átona final:

	[p]	~	[b]	
/patʃe/	[pa'tʃɛ]		[ba'tʃɛ]	'jatobá'
/pirita/	[pi'ri'ta]		[bi'ri'ta]	'traíra'
/kojtpe/	[kojt̚'pɛ]		[kojt̚'be]	'irmã mais velha'
/kojtpit/	[kujt̚'pit̚]		[kujt̚'bit̚]	'peixe'

/epaki/	[epa'ki]	[eba'gi]	‘lágrima’
/ipebo/	[i'pɛpɔ]	[i'pɛbɔ]	‘pena dele’

/t/ oclusivo alveolar

Alofones:

[t̚] e **[d̚]** em variação livre quando em final de palavra:

	[t̚]	~	[d̚]	
/kojt̚pit/	[kujt̚'pit̚]		[kujt̚'pid̚]	‘peixe’
/mempit/	[mẽm'pit̚]		[mẽm'pid̚]	‘filho(a).de.mulher’
/et/	[et̚]		[ed̚]	‘nome’

[t], **[tt]** e **[td]** alternam em início de sílaba interna acentuada:

	[t]	~	[tt]	~	[td]	
/otoka/	[u'tuga]		[u'ttuga]		[u'tduga]	‘meu umbigo’
/tato/	[ta'tu]		[ta'ttu]		[ta'tdu]	‘tatu’
/wato/	[k ^w a'to]		[k ^w a'tto]		[k ^w a'tdo]	‘jacaré’
/witap/	[wi'tap̚]		[wi'ttap̚]		[wi'tdap̚]	‘tamanduá’
/otat/	[ɔ'tat̚]		[ɔ'ttat̚]		[ɔ'tdat̚]	‘fogo’

[t] e **[d]** alternam em início de palavra:

	[t]	~	[d]	
/totak/	[tu'tak̚]		[du'tak̚]	‘neta.de.homem’
/tít/	[tít̚]		[dít̚]	‘nádegas’
/ten/	[tẽn]		[dẽn]	‘duro/forte’
/ti/	[ti]		[di]	‘mãe’

/k/ oclusivo velar

Alofones:

[k̚] e **[g̚]** em variação livre em final de palavra:

[k̚] ~ **[g̚]**

/kipek/	[kɨ'be̞k̚]	[kɨ'be̞g̚]	'mamão'
/otek/	[u'tek̚]	[u'te̞g̚]	'minha casa'
/perek/	[be'rek̚]	[be're̞g̚]	'comprido'
/totak/	[tu'tak̚]	[tu'ta̞g̚]	'neta.de.homem'
/taipik/	[tai'bi̞k̚]	[tai'bi̞g̚]	'macaco preto'

[k] e [g] em variação livre nos demais ambientes:

	[k]	~	[g]	
/komata/	[kõmãnta]		[gõmãnta]	'feijão'
/karo/	[ka'ru]		[ga'ru]	'colar'
/kite/	[kite]		[gite]	'um'
/otoka/	[u'tuka]		[u'tuga]	'meu umbigo'
/ejko/	[ej'ko]		[ej'go]	'sua comida'

/ʔ/ oclusivo glotal

[ʔ] única realização do fonema /ʔ/, em início de sílaba:

/ʔap/	[ʔap̚]	'gordura'
/iʔiw/	[iʔiw̚]	'estragado'
/koʔa/	[koʔa]	'papagaio (esp.)'
/ʔaj/	[ʔaj]	'cajá'
/ʔa/	[ʔa]	'fruto'

/tʃ/ africado alveopalatal

Alofones:

[tʃ] e [dʒ] em variação livre após silêncio ou em posição intervocálica:

	[tʃ]	~	[dʒ]	
/tʃawka/	[tʃaw'ka]		[dʒaw'ka]	'derramar'
/tʃaire/	[tʃai:'rɛ]		[dʒai:'rɛ]	'beija-for (esp.)'

/atfoap/	[a'tfuap̃]	[a'dʒuap̃]	‘banho’
/piatfa/	[pia'tfa]	[pia'dʒa]	‘calcanhar’

Aproximantes

/r/ flepe alveolar oral

Alofones:

[r] e [ɾ] em aparente variação livre:

	[r]	~	[ɾ]	
/kobore/	[kɔbɔ're]		[kɔbɔ'ɾe]	‘tipo de taquara’
/arari/	[ɔɾɔ'ri]		[ɔɾɔ'ɾi]	‘paneiro’
/ararita/	[ɔɾa'rita]		[ɔɾa'ɾita]	‘bicho-preguiça’
/tfori/	[tʃu'ri]		[tʃu'ɾi]	‘ararinha (esp.)’

/w/ aproximante labiovelar

Alofones:

[w], [g^w] e [k^w] em variação livre antes de silêncio:

	[k ^w]	~	[g ^w]	~	[w]	
/waʔi/	[k ^w a'ʔi]		[g ^w a'ʔi]		[wa'ʔi]	‘pedra’
/wiri/	[k ^w iri]		[g ^w iri]		[wiri]	‘dia’
/waka/	[k ^w aka]		[g ^w aka]		[waka]	‘voar’
/wako/	[k ^w a'ku]		[g ^w a'ku]		[wa'ku]	‘jacu.do.mato’

[g^w] e [k^w] alternam também em posição intervocálica:

	[k ^w]	~	[g ^w]	
/awama/	[ak ^w a'mã]		[ag ^w a'mã]	‘cará grande’

/arawi/	[ara'k ^w i]	[ara'g ^w i]	‘amendoim’
/owa/	[u'k ^w a]	[u'g ^w a]	‘irmão.de.mulher’

[w] nos demais ambientes:

/watawa/	['watawa]	‘ave (esp.)’
/awiap/	[awi'ab̃]	‘mosca (esp.)’
/pawrape/	[bawra'pɛ]	‘abanador’
/awkapa/	[aw'kaba]	‘bacuri’
/kirito awʔã/	[kiri'to aw'ʔã]	‘teia de aranha’
/wew/	[g ^w ɛw]	‘sombra’

/j/ aproximante palatal

Alofones:

[ɲ] e **[j]** variam no início de sílaba diante de vogais nasais:

	[ɲ]	~	[j]	
/tʃajã/	[tʃa'ɲã]		[tʃa'jã]	‘brinco’
/kojã/	[kũ'ɲã]		[kũ'jã]	‘coelho’
/jãpitora/	[ɲãpi'tura]		[jãpi'tura]	‘axilas’
/jẽ/	[ɲẽ]		[jẽ]	‘boca’

[j] ocorre diante de vogais orais:

/paja/	['baja]	‘vento’
/ojkap/	[oj'kap̃]	‘flauta (de osso)’
/kojtpit/	[kojt̃'pit̃]	‘peixe’
/kojtpe/	[kojt̃'be]	‘irmã mais velha’
/orokoj/	[uru'kuj]	‘laranja’

Nasais

Cada consoante nasal tem apenas uma única realização fonética:

/m/ nasal bilabial

[m]

	[m]	
/kem/	[kẽm]	‘seios’
/anam/	[a'nãm]	‘cabeça’
/apenam/	[ape'nãm]	‘abóbora’
/niam/	[nĩ'ãm]	‘trançado’
/ampita/	[ãm'pita]	‘nariz’
/mempit/	[mẽm'pit̃]	‘filho.de.mulher’
/kemaʔot/	[kẽma'ʔut̃]	‘arroto’
/menemi/	[mẽnẽ'mĩ]	‘mosca pequena (esp.)’
/aramira/	[ãrã'mĩrã]	‘mulher’
/wamoa/	[k ^w ã'mũã]	‘pajé’

/n/ nasal alveolar

[n]

/tin/	[tĩn]	‘pequeno (atenuativo)’
/ten/	[tẽn]	‘duro/forte’
/min/	[mĩn]	‘vagina’
/watin/	[k ^w a'tĩn]	‘cobra (esp.)’
/on/	[õn]	‘eu’
/naku/	[nãn'ku]	‘homem’
/medi/	[mẽn'di]	‘inajá’
/niram/	[nĩ'rãm]	‘evacuar’
/eni/	[ẽnĩ]	‘rede’
/oanoa/	[oa'nũã]	‘meu coração’
/nom/	[nõm]	‘não’
/tʃanime/	[tʃãní'mẽ]	‘zog-zog’
/ini/	[ĩní]	‘ferrão’

/ŋ/ nasal velar

[ŋ]

/otatniŋ/ [otat'nɨŋ] 'fumaça'

/ʔaŋ/ [ʔãŋ] 'pênis'

2.4.2 Fonemas vocálicos

A língua Akuntsú apresenta um sistema de cinco fonemas vocálicos orais /a, e, i, ɨ, o/ e quatro nasais /ã, ẽ, ɨ̃, õ/. Esses fonemas se agrupam segundo os traços +/- anterior, +/- alto e +/- arredondado, que caracterizam a sua realização fonética.

2.4.2.1 Oraís

Quadro 4: Fonemas vocálicos orais

	anteriores	centrais	posteriores
+ altos	i	ɨ	o
- altos	e	a	

2.4.2.1.1 Pares mínimos

/i/ - /e/

/ipo/ [i'pu] 'mão dele'

/epo/ [ɛ'pu] 'tua mão'

/eni/	[ɛˈni]	‘rede’
/ino/	[iˈno]	‘o outro’
/tik/	[tikˀ]	‘mosquito’
/itek/	[iˈtekˀ]	‘casa dele’
/pi/	[pi]	‘pé’
/pe/	[pæ]	‘pele, casca’

/i/ - /i/

/iki/	[iˈgi]	‘água’
/iko/	[iˈko]	‘comida’
/iti/	[iˈti:]	‘veado’
/iti/	[iˈti]	‘mãe dele’
/kip/	[kipˀ]	‘piolho’
/kit/	[gitˀ]	‘semente’
/otit/	[uˈditˀ]	‘minhas nádegas’
/oti/	[uˈdi]	‘minha mãe’

/e/ - /ɛ/

/eto/	[eˈtu]	‘cesto (marico)’
/iti/	[iˈti:]	‘veado’
/ek/	[ɛkˀ]	‘casa’
/iki/	[iˈgi]	‘água’

/e/ - /o/

/ekaro/	[e'karu]	'teu colar'
/okaro/	[u'karu]	'meu colar'
/otet/	[o'tet ⁷]	'meu nome'
/otop/	[o'top ⁷]	'meu pai'

/ĩ/ - /a/

/iwaj/	[ĩk ^w aj]	'anta'
/awa/	[a'k ^w a]	'cará'
/i/	[ĩ]	'listras'
/ʔa/	[ʔa]	'fruto'
/kip/	[kĩp ⁷]	'pau'
/kap/	[kãp ⁷]	'vespa'

/ĩ/ - /o/

/iwaj/	[ĩk ^w aj]	'anta'
/owaj/	[u'k ^w aj]	'rabo'
/eʔĩ/	[e'ʔĩ]	'sangue'
/eʔo/	[e'ʔu]	'barriga'
/ki/	[kĩ]	'líquido'
/ko/	[ko]	'espinho'

/kiʔa/	[kɨʔa]	‘pupunha’
/koʔa/	[kuʔa]	‘papagaio (esp.)’

/e/ - /a/

/epapa/	[eba'ba]	‘olho’
/apapa/	[aba'ba]	‘mosca verde (esp.)’
/tep/	[tɛ:p̃]	‘folha (da árvore)’
/tap/	[tɔp̃]	‘cabelo (da cabeça)’
/aotʃe/	[au'tʃɛ]	‘gente’
/aotʃa/	[ɔu'tʃa]	‘chifre’

/a/ - /o/

/atʃi/	[a'tʃi]	‘dor’
/otʃe/	[ɔ'tʃɛ]	‘nós (excl.)’
/opa/	[u'pa]	‘minha coxa’
/opu/	[u'pu]	‘minha mão’
/awa/	[a'k ^w a]	‘cará’
/owa/	[ɔ'k ^w a]	‘irmão.de.mulher’

2.4.2.1.2 Fonemas e alofones

/i/ anterior, mais alto, oral

Alofones:

[i] em variação livre com [ɪ] quando contíguo a oclusiva alveolar:

[i] ~ [ɪ]

/kojtɨpɨt/	[kujt ^h ˈbit ^h]	[kujt ^h ˈbɪt ^h]	‘peixe’
/oti/	[uˈtdi]	[uˈtdɪ]	‘minha mãe’
/atiti/	[atɨˈti]	[atrɨˈtɪ]	‘milho’

[ĩ] em ambientes nasais:

[ĩ]

/iamina/	[iaˈmĩnã]	‘joelho dele’
/peninket/	[pẽnĩŋˈgɛt ^h]	‘barata’
/konikoni/	[kũnĩˈkũnĩ]	‘gavião’
/tʃanime/	[tʃãnĩˈmẽ]	‘zog-zog’

[i] nos demais ambientes:

[i]

/wi/	[g ^w i]	‘machado’
/iʔap/	[iʔaḅ ^h]	‘gordura dele’
/itʃe/	[iˈtʃɛ]	‘maracajá’
/pi/	[pi]	‘pé’
/pirita/	[biriˈta]	‘traíra’

/e/ anterior, menos alto, oral

Alofones:

[ɛ] em variação livre com [æ] quando contíguo a consoante oclusiva bilabial em sílaba acentuada:

[ɛ] ~ [æ]

/ope/	[uˈpɛ]	[uˈpæ]	‘minha pele’
/ep/	[ɛːp ^h]	[æːp ^h]	‘folha’

/ojpe/	[õj'be]	[õj'bæ]	'rapé'
/kipek/	[kĩ'bɛg̃]	[kĩ'bæg̃]	'mamão'
/ipek/	[ĩ'pek̃]	[ĩ'pæk̃]	'pato'
/pepo/	[pɛbu]	[pæbu]	'asa'

[e] e [ɛ] em variação livre nos demais ambientes orais:

	[e]	~	[ɛ]	
/erapi/	[e'rapɪ]		[ɛ'rapɪ]	'amanhã'
/epaki/	[eba'gɪ]		[ɛba'gɪ]	'lágrima'
/oatʃapekere/	[uatʃape'kere]		[uatʃape'kɛrɛ]	'minhas costas (parte lombar)'
/kipek/	[kĩ'bɛg̃]		[kĩ'bæg̃]	'mamão'
/kopore/	[kobo're]		[kobo'rɛ]	'tipo de taquara'
/pekôj/	[pe'kũ]		[pɛ'kũ]	'pimenta'
/oropeka/	[uru'pega]		[uru'pɛga]	'aracú (esp. de peixe)'

[ẽ] em variação livre com [ɛ̃] em ambientes nasais:

	[ẽ]	~	[ɛ̃]	
/mempit/	[mẽm'pit̃]		[mɛ̃m'pit̃]	'filho.de.mulher'
/meti/	[mẽn'ti]		[mɛ̃n'ti]	'inajá'

/ĩ/ central, mais alto, oral

Alofones:

[i] varia livremente com [u] em todos os ambientes orais:

	[i]	~	[u]	
/kipapo/	[kip̃'pabu]		[kup̃'pabu]	'vento (na árvore)'
/apara ki/	[ãbãrã'kĩ]		[ãbãrã'ku]	'líquido da banana'
/taikop/	[tai'kop̃]		[tau'kop̃]	'bugiu'
/ira/	[ĩ'ra]		[u'ra]	'saúva'

/ieko/	[ie'ko]	[ue'ko]	'urubu'
/eʔi/	[e'ʔi]	[e'ʔu]	'sangue'

[ĩ] varia livremente com [ũ] em todos os ambientes nasais.

	[i]	~	[ũ]	
/mamira/	[mã'mĩra]		[mã'mũra]	'torrar'
/apitepkima/	[apitep' kĩmã]		[apitep' kuĩmã]	'ouvido'

Em seguida são apresentados os alofones dos fonemas /a/ e /o/. Dois destes, [Λ] e [ɔ], apresentam em algumas palavras covariação tanto com os demais alofones de /a/ quanto com os de /o/, aparentando uma situação de “sobreposição” (*overlapping*) dos dois fonemas (Aragon e Carvalho, no prelo).

/a/ central, menos alto, oral

Alofones:

[a], [Λ] e [ɔ] em variação livre em sílaba pré-tônica, em ambientes orais:

	[a]	~	[ɔ]	~	[Λ]	
/kapkapa/	[kap' gaba]		[kɔp' gaba]		[kΛp' gaba]	'flauta (de quatro furos)'
/taptot/	[tap' tut']		[tɔp' tut']		[tΛp' tut']	'mandioca'
/atiti/	[ati'ti]		[ɔti'ti]		[Λti'ti]	'milho'
/ameko/	[amẽ'ku]		[ɔmẽ'ku]		[Λmẽ'ku]	'onça'

[ã] e [õ] em variação livre em sílaba pré-tônica, em ambientes nasais:

	[ã]	~	[õ]	
/ampera/	[ãm'pera]		[õm'pera]	'abacaxi'
/ameko/	[amẽ'gu]		[õmẽ'gu]	'onça'

[ã] nos demais ambientes nasais:

	[ã]	
/niam/	[nĩ'ãm]	'trançado'
/wirima/	[k ^w 'iri'mã]	'amanhã (cedo)'

/o/ posterior, oral

Alofones:

[o], [u], [ɔ] e [ʌ] em variação livre em sílaba pré-tônica, em ambientes orais:

	[o]	~	[u]	~	[ɔ]	~	[ʌ]	
/otat/	[o'tat̚]		[u'tat̚]		[ɔ'tat̚]		[ʌ'tat̚]	'fogo'
/otfe/	[o'tfɛ]		[u'tfɛ]		[ɔ'tfɛ]		[ʌ'tfɛ]	'nós (excl.)'

[o] e [u] em variação livre nos demais ambientes orais:

	[o]	~	[u]	
/oporkip/	[opor'kip̚]		[upur'kip̚]	'pau (usado na orelha)'
/eʔo/	[ɛʔo]		[ɛʔu]	'barriga'
/potkip/	[pot̚'kip̚]		[put̚'kip̚]	'pescoço'
/otfe tek/	[o'tfɛ 'teḡ̚]		[u'tfɛ 'teḡ̚]	'nossa (excl.) casa'
/etop/	[ɛ'top̚]		[ɛ'tup̚]	'teu pai'
/otat/	[o'tat̚]		[u'tat̚]	'fogo'

[ũ] em variação livre com [õ] em ambientes nasais.

	[ũ]	~	[õ]	
/oanoa/	[oã'nũã]		[oã'nõã]	'meu coração'
/konkona/	[kũn'kũnã]		[kõn'kõnã]	'cigarra'
/one/	[ũnɛ]		[õnɛ]	'eu'
/nom/	[nũm]		[nõm]	'não'

2.4.2.2 Nasais

Quadro 5: Fonemas vocálicos nasais

	anteriores	centrais	posteriores
+ altos	ĩ		õ
- altos	ẽ	ã	

Antes da análise dos pares análogos, faz-se necessário observar o fenômeno fonético da nasalidade vocálica. Há uma distinção na língua entre nasalidade fonética e nasalidade fonológica. No primeiro caso os segmentos vocálicos são nasalizados quando contíguos a um segmento nasal, ou seja, a nasalidade, neste caso, é determinada pelo ambiente, sem status fonológico. No outro caso a nasalidade dos segmentos vocálicos é independente do contexto, eles são contrastivamente nasais. Exemplos de vogais nasalizadas são os seguintes:

Segmentos vocálicos nasalizados

/otatniŋ/	[utatníŋ]	‘fumaça’
/ʔaŋ/	[ʔãŋ]	‘pênis’
/niram/	[ní'rãm]	‘evacuar’
/eni/	[ẽní]	‘rede’
/oanoa/	[oã'nõã]	‘meu coração’
/nom/	[nõm]	‘não’
/tʃanime/	[tʃãní'mẽ]	‘zog-zog’

2.4.2.2.1 Fonemas vocálicos nasais: em ambientes análogos

/i/ - /i/

/ika/	[i'ka]	‘cheirar’
/iko/	[i'ku]	‘comida’
/ewajawi/	[ek ^w ajak ^w i]	‘capivara’
/wi/	[g ^w i]	‘ombro’

/i/ - /ẽ/

/ewajwi/	[ek ^w ajk ^w i]	‘capivara’
/wẽwẽ/	[k ^w ẽk ^w ẽ]	‘tesoura’
/tʃopeki/	[tʃobe'ki]	‘cheiroso’
/waʔẽ/	[wa'ʔẽ]	‘panela’

/ẽ/ - /e/

/jẽkip/	[jẽ'kip]	‘cotovelo’
/ekip/	[e'kip]	‘tua perna’
/wẽrowẽro/	[wẽru'wẽru]	‘abelha europa’
/tero/	[te'ru]	‘caucho’
/kejẽ/	[kẽ'jẽ]	‘café’
/okere/	[u'kere]	‘minha cintura’
/waʔẽ/	[wa'ʔẽ]	‘panela’
/watpe/	[wat ⁿ pe]	‘céu’

/ē / - /ō /

/jēkip/	[jē'kip']	‘cotovelo’
/jōkōna/	[jō'kōna]	‘espinha (de peixe)’
/ojē/	[ō'jē]	‘minha boca’
/ojō/	[ō'jō]	‘meu tio’
/waŕē/	[k ^w aŕē]	‘panela’
/ŕō/	[ŕō]	‘língua’

/ō / - /o/

/ōpa/	[ō'ba]	‘matar’
/ope/	[o'pe]	‘minha pele’
/kōjka/	[kō'jka]	‘socar’
/koj/	[kuj]	‘sal’
/ŕō/	[ŕō]	‘língua’
/ko/	[ku]	‘espinho’
/ejō/	[ē'jō]	‘teu tio’
/emo/	[ē'mō]	‘também’

/ū / - /ã /

/akōja/	[akū'jã]	‘barba’
/akã/	[akã]	‘osso’
/kojã/	[kō'jã]	‘coelho’
/ojō/	[ū'jō]	‘meu tio’

/ʔõ/	[ʔõ]	‘língua’
/niʔã/	[niʔã]	‘cantar’

/ã / - / a /

/jãj/	[jãj]	‘dente’
/ʔaj/	[ʔaj]	‘cajá’
/niʔã/	[niʔã]	‘cantar’
/niam/	[ni'am]	‘trançado’

2.4.2.2.2 Fonemas e alofones

/i/ anterior, mais alto, nasal

[i] única realização do fonema /i/:

	[i]	
/tʃobekĩ/	[tʃubɛ'kĩ]	‘cheiroso’
/oĩka/	[uĩka]	‘me cheira’
/ewajawĩ/	[ek ^w aja'k ^w i]	‘capivara’

/ẽ/ anterior, menos alto, nasal

Alofones:

[ẽ] em variação livre com **[ẽ̃]**:

	[ẽ]	~	[ẽ̃]	
/jẽkip/	[jẽ'kip̃]		[jẽ̃'kip̃]	‘cotovelo’
/waʔẽ/	[waʔẽ]		[waʔẽ̃]	‘panela’

/ojẽ/ [õ'jẽ] [õ'jẽ] 'minha boca'

/ã/ posterior, menos alto, nasal

[ã] única realização do fonema /ã/:

[ã]

/ni?ã/ [ní?ã] 'cantar'

/akã/ [a'kã] 'osso'

/tʃajã/ [tʃajã] 'brinco'

/jãj/ [jãj] 'dente'

/õ/ posterior nasal

Alofones:

[ũ] em variação livre com [õ]:

[ũ] ~ [õ]

/ʔõ/ [ʔũ] [ʔõ] 'língua'

/pekõj/ [pe'kũj] [pe'kõj] 'pimenta'

/kõjka/ [kũj'ka] [kõj'ka] 'socar'

2.5 Observações sobre alongamento consonantal e laringalização vocálica

2.5.1 Alongamento consonantal

Os oclusivos /p/ e /t/, quando em sílaba final acentuada, podem alongar-se e opcionalmente sonorizar-se em sua fase final⁶:

Fase inicial:

/opi/	[u'pi]	[u'ppi]	‘meu pé’
/papape/	[baba'pɛ]	[baba'ppe]	‘cabaça’
/apaw/	[a'paw]	[a'ppaw]	‘coró (esp.)’
/opo/	[u'pu]	[u'ppu]	‘minha mão’
/epapa/	[eba'pa]	[eba'ppa]	‘olho’
/otoka/	[u'tuga]	[u'ttuga]	‘meu umbigo’
/tato/	[ta'tu]	[ta'ttu]	‘tatu’
/wato/	[wa'to]	[wa'tto]	‘jacaré’
/witap/	[wi'tap̃]	[wi'ttap̃]	‘tamanduá’
/otat/	[u'tat̃]	[u'ttat̃]	‘fogo’

Fase final:

/opi/	[u'pbi]	‘meu pé’
/papape/	[baba'pbɛ]	‘cabaça’
/apaw/	[a'pbaw]	‘coró (esp.)’
/opo/	[u'pbu]	‘minha mão’
/epapa/	[eba'pba]	‘olho’
/otoka/	[u'tdogɑ]	‘meu umbigo’
/tato/	[ta'tdo]	‘tatu’
/wato/	[wa'tdo]	‘jacaré’
/witap/	[wi'tdap̃]	‘tamanduá’
/otat/	[u'tdat̃]	‘fogo’

⁶ Observações preliminares sobre o alongamento de oclusivas em Akuntsú foram feitas em Aragon e Cabral (2004b).

2.5.2 Laringalização

Na língua Akuntsú, vogais são laringalizadas quando precedidas de oclusivo glotal:

/waʔi/	[k ^w aʔi]	‘pedra’
/kaŋkaʔi/	[kaŋgaʔi]	‘maracá’
/waʔẽ/	[waʔẽ̃]	‘panela’
/koʔa/	[koʔã]	‘periquito’

Contudo, em certas situações de fala, por exemplo, quando os Akuntsú contam fatos relativos ao passado do grupo, ou quando falam de suas dores físicas, as vogais de palavras de um enunciado inteiro podem ocorrer laringalizadas (ver seção 2.3.1.4).

2.6 Estrutura silábica

A sílaba em Akuntsú tem o padrão canônico (C)V(C)(C)). O núcleo silábico é sempre ocupado por uma vogal. A margem esquerda da sílaba pode ser ocupada por uma consoante ((C)V), enquanto que a margem direita pode ser ocupada por uma ou duas consoantes (V(C)(C)). Neste último caso a primeira delas é obrigatoriamente uma aproximante palatal ou labiovelar e a segunda uma oclusiva.

V Todas as vogais do Akuntsú são núcleos deste padrão silábico.

/i.men/	‘marido dela’
/i.ki/	‘água’
/o.ti/	‘minha mãe’
/a.pe/	‘caminho’
/e.pi/	‘teu pé’
/i.e.ko/	‘urubu’

/ki. a .kop/	‘sol’
/ta. i .kop/	‘bugio’
/tʃo. a /	‘ver’
/a.no. a /	‘coração’

VC₂ Neste padrão silábico, **C₂** pode ser qualquer consoante exceto /r/, /tʃ/ e /ʔ/.

/ap/	‘cabelo’
/ek/	‘casa’
/et/	‘nome’
/oj.kap/	‘flauta (de osso)’
/aw.pap/	‘rim’
/o.to.ap/	‘meu lugar de dormir’
/o.atʃo.ap/	‘meu banhar’
/ni.am/	‘trançado’

C₁V Neste padrão, **C₁** pode ser qualquer consoante, exceto a nasal velar.

/ki/	‘líquido’
/ʔa/	‘fruto’
/pi.re/	‘pássaro (gen.)’
/ta.to/	‘tatu’
/tʃa.ra/	‘arraia’
/ma.pi/	‘flecha’
/na.ko/	‘homem’
/jo.ne.po/	‘grilo (esp.)’
/wa.ko/	‘jacaré’
/a.pa.ra/	‘banana’
/a.ʔo.ra/	‘sair’
/tʃa.tʃa.kop/	‘taxi (esp. de formiga)’
/ma.mi.ra/	‘torrar’

/tʃa. ni .me/	‘zog-zog’
/a. ra .wi/	‘amendoim’
/te. ro /	‘caucho’
/ki. po /	‘nossas (incl.) mãos’
/po. ka /	‘jabuti’
/e. ni /	‘rede’
/me.ne. mi /	‘mosca (esp. pequena)’

C₁VC₂ Neste padrão, **C₁** pode ser qualquer consoante, exceto a nasal velar e **C₂** pode ser qualquer consoante exceto /r/, /tʃ/ e /ʔ/.

/k em /	‘seios’
/k on .kona/	‘cigarra’
/w at .pe/	‘céu’
/t it .pe/	‘figueira’
/m em .pit/	‘filho.de.mulher’
/k ōj .kōj/	‘bagre (esp. de peixe)’
/p aw .ra.pe/	‘abanador’
/wi.ʔ ap /	‘banha’
/jo. wet /	‘tucano’
/e. men /	‘teu marido’
/wa. raj /	‘perereca’

C₁VC₂C₃ Neste padrão, **C₂** corresponde à aproximante /j/ e **C₃** à oclusiva alveolar /t/.

/k ijt /	‘terra’
/ko jt .pit/	‘peixe’

2.7 Acento

O acento na língua Akuntsú pode ocorrer na última e na penúltima sílaba, como mostram os seguintes exemplos:

➤ na última sílaba

/ewit/	[e'k ^w it̃]	‘mel’
/oti/	[o'di]	‘minha mãe’
/tepapitfoap/	[tebapidʒu'ap̃]	‘espelho’
/kitap/	[ki'dap̃]	‘cera’
/iki/	[i'gi]	‘água’
/arawi/	[ara'k ^w i]	‘amendoim’
/kiritó/	[kiri'to]	‘aranha (esp.)’
/tfaire/	[tfa'iɾe]	‘beija-flor (esp.)’

➤ na penúltima sílaba

/aratita/	[ɔɾɔ'dita]	‘bicho-preguiça’
/jãpitora/	[ɲãpi'tura]	‘axilas’
/oakoja/	[ua'kuja]	‘minha barba’
/kapkapa/	[kɔp̃'gaba]	‘flauta (de quatro furos)’
/oatfapekere/	[uatfape'kere]	‘minhas costas (parte lombar)’
/okaro/	[u'karo]	‘meu colar’
/pepo/	[pebo]	‘pena’
/tjami/	[tjami]	‘bom’
/otatpomen/	[otat̃'pumen]	‘lacraria (esp.)’

Esperamos descrever a situação fonológica do acento em estudos futuros.

2.8 Morfofonêmica

2.8.1 Enfraquecimento de oclusivas

O fonema /t/ é enfraquecido quando intervocálico, em fronteira de morfemas, convertendo-se em /r/:

t → r / _+V

/taptot/ + /atʃo/ /taptoratʃo/
mandioca + grande ‘mandioca grande’

/omempit/ + /-et/ /omempiret/
1=filho.de.mulher + DET ‘a minha filha’

2.9 Conclusão

Os resultados do estudo fonético e fonológico dos dados da língua Akuntsú apontam para a existência de 11 fonemas consonantais e nove fonemas vocálicos, e dentre estes últimos, cinco orais e quatro nasais. Mostrou-se que a produção articulatória dos sons consonantais desta língua distingue quatro modos de articulação (oclusivo, africado, nasal e aproximante) e sete pontos de articulação (labial, alveolar, alveo-palatal, palatal, velar, labio-velar e glotal). Foi verificado que, em Akuntsú, os fonemas consonantais podem ser divididos em três classes: oclusivos e africados, nasais e aproximantes. Quanto às vogais, mostrou-se que na produção destas há distinção de três graus de altura – alto, médio e baixo – e de três posições relativas ao avanço e recuo da língua – anterior, central e posterior. Mostrou-se ainda que o arredondamento dos lábios é característica exclusiva da produção das vogais posteriores. Fonologicamente as vogais anteriores e centrais do Akuntsú são interpretadas como distinguindo dois graus de altura (mais alto e menos alto), enquanto que para a vogal posterior não há distinção

de altura. Com relação às vogais longas, constatou-se que existem na língua, porém até o presente momento não foi possível tirar uma conclusão precisa a respeito das condições de sua ocorrência.

Foram identificados alguns processos fonológicos que afetam consoantes, como a mudança de /t/ em /ɾ/ em fronteira de morfema. Foi também observado que a laringalização vocálica em Akuntsú é provavelmente de natureza prosódica e estilística. No que diz respeito aos padrões silábicos, observou-se que o Akuntsú apresenta o padrão canônico (C)V(C)(C), no qual o núcleo silábico é sempre ocupado por uma vogal, a margem esquerda da sílaba pode ser ocupada por uma consoante (CV(C)(C)), a margem direita pode ser ocupada por uma consoante ((C)VC)) ou por duas consoantes ((C)VCC).

Finalmente, foi observado que o acento na língua Akuntsú pode ocorrer na última e na penúltima sílaba, aparentemente sem caráter distintivo.

CAPÍTULO 03 – Aspectos morfológicos e sintáticos

3.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos uma análise descritiva preliminar de aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú. A metodologia utilizada privilegia, entre outros, o contraste de estruturas, objetivando a identificação das relações entre forma e função de seus respectivos constituintes. A análise se desenvolve à luz do conhecimento tipológico e funcional construído com base em dados de línguas naturais, sobretudo a partir dos trabalhos de Comrie (1976, 1989), Dixon (1979, 1994), Folley e Van Valin (1984), Givón (2001), Lehmann (1978), Shopen (1985), e Rodrigues (1953, 1964, 1981, 1985, 1996, 2001). Este estudo beneficiou-se de vários trabalhos descritivos sobre línguas Tupí, dentre os quais sublinhamos a descrição gramatical do Tuparí de Caspar e Rodrigues (1957); o esboço gramatical desta mesma língua contido em Alves (2004); os trabalhos de Landin (1984), Storto (2001, 2002) e Everett (2006) sobre o Karitiana; os trabalhos de van der Meer (1982) sobre o Paiter, assim como a descrição do Mekéns por Galúcio (2001) e a descrição do Makuráp por Braga (2006). Foram apresentados critérios morfológicos e sintáticos para a identificação de classes de palavras em Akuntsú. Uma breve seção foi dedicada à ordem dos constituintes nucleares das orações desta língua e outra ao sistema de alinhamento presente no Akuntsú

3.2 Classes de palavras

Identificamos em Akuntsú duas classes abertas de palavras, a dos nomes e a dos verbos, e cinco classes fechadas, uma de posposições, uma de numerais, uma de ideofones, uma de interjeições e outra de partículas. Esta última é uma classe heterogênea que inclui um marcador de foco, um marcador de aspecto verbal e uma partícula negativa.

3.2.1 Nomes

A classe dos nomes subdivide-se em duas subclasses, a dos nomes referenciais e a dos dêiticos. Nomes referenciais são os que possuem significado lexical, enquanto que os dêiticos adquirem significado no contexto do discurso.

3.2.1.1 Nomes referenciais

Os nomes referenciais subdividem-se em duas sub-classes, a dos nomes substantivos e a dos nomes adjetivos. Nomes substantivos referem entidades concretas, enquanto que nomes adjetivos referem entidades abstratas (sensações, estados, cores, dimensões, entre outras).

Nomes substantivos		Nomes adjetivos	
Concretos	Glossa	Abstratos	Glossa
epapap	‘lua’	kipitʃi	‘frio’
tapit	‘roça’	tʃami	‘bonito, bom’
papape	‘cuia’	tʃope	‘gostoso’
kip	‘pau’	akop	‘quente’
ek	‘casa’	taj	‘comprido’
aotʃe	‘gente, pessoa’	pot	‘velho’
-op	‘pai’	pik	‘preto’
-ti	‘mãe’	jen	‘fedor’

Os nomes que referem entidades concretas são os que exercem funções sintáticas de argumentos de verbos e de posposições. Podem também funcionar como determinantes e como determinados em relações de determinação nominal e podem também constituir núcleos de predicados nominais.

Os nomes adjetivos funcionam como atributos, como determinados em relações de determinação nominal e como núcleos de predicados nominais. Observamos que a inclusão destes na classe dos nomes é provisória, considerando-se a possibilidade de que, com a ampliação dos dados, sejam encontradas evidências de que constituam uma classe de palavras independente.

3.2.1.2 Flexão relacional

A língua Akuntsú possui uma série de prefixos que flexionam nomes substantivos dependentes, quando o determinante destes é a expressão sintática imediatamente precedente, de forma que determinante e determinado formam uma unidade sintática. Estes prefixos correspondem ao que Rodrigues (1981) chamou de prefixos relacionais em Tupinambá e em outras línguas Tupí, bem como em línguas do tronco Macro-Jê (Rodrigues 1999b, 2001) e em línguas da família Karíb (1985).

Em duas línguas da família Tuparí, o Makuráp (Braga, 2006) e o Tuparí (Caspar e Rodrigues 1957; Alves 2002) são depreendidos dois prefixos relacionais mutuamente exclusivos, os quais marcam respectivamente a contigüidade e a não-contigüidade do determinante. Em Akuntsú, as indicações são as de que sobrevive apenas o relacional que marca a contigüidade do determinante. O sistema de relacionais do Akuntsú, embora reduzido, distingue duas classes de nomes substantivos, os que se combinam com o alomorfe \emptyset - e os que se combinam com o alomorfe *t*- que marca a contigüidade do determinante. O quadro seguinte exemplifica a distribuição de nomes dependentes em Akuntsú com os prefixos relacionais.

		Exemplos	
		-anam	‘cabeça (gen.)’
		o=∅-anam	/1=R-cabeça/ ‘minha cabeça’
Classe 1	∅-	Tɟaroj ∅-anam	/Txarúi R -cabeça/ ‘cabeça de Txarúi’
		-ek	‘casa (gen.)’
Classe 2	t-	i=t-ek	/3= R -casa/ ‘casa dele/dela/desse...’
		Tɟaroj t-ek	/Txarúi R-casa/ ‘casa de Txarúi’

3.2.1.3 Flexão casual

Até o presente, foram identificados dois casos morfológicos que flexionam nomes substantivos em Akuntsú, o sufixo *-po* ‘locativo’ e o sufixo *-et* ‘determinativo’.

3.2.1.3.1 *-po* ‘locativo’

O sufixo *-po* possui três alomorfes fonologicamente condicionados: *-po* segue temas terminados por vogal, *-o* temas terminados por consoante e *-mo* temas terminados por vogal nasal ou por consoante nasal. O morfema casual locativo do Akuntsú, na tradução para o português, corresponde (no nível semântico) tanto ao dativo quanto ao locativo difuso, como mostram os seguintes exemplos:

1) *Aramira ek pi-po keren*
 Aramira casa interior-LOC entrar
 ‘Aramira entrou em casa’

2) *on apara õ-a te en-o*
 1 banana dar-TEMA FOC 2-LOC
 ‘eu dei banana para você’

3) *one-mo i=niŋ-a one*
 1-LOC 3=tecer-TEMA 1
 ‘eu o teço para mim (marico)’

3.2.1.3.2 - *et* ‘determinativo’

O sufixo *-et* ‘determinativo’ marca os nomes substantivos conferindo-lhes um caráter específico e definido. Esta interpretação é a mesma dada por Caspar e Rodrigues (1957) ao prefixo cognato encontrado em Tuparí (ex: *e-pe-t homki* / 2-roupa-det tirar ‘tira a tua roupa!’ (Caspar e Rodrigues 1957)). Alguns exemplos da ocorrência do sufixo determinativo em Akuntsú são os seguintes:

4a) *ot/fe=t-ek*
 13=R –casa
 ‘nossa casa’

4b) *ot/fe= t-ek-et*

13=R-casa-DET

‘a nossa casa’

5a) $o=\emptyset$ -*pi*

1=R-pé

‘meu pé’

5b) $o=\emptyset$ -*pi-t*

1= R-pé-DET

‘o meu pé’

Embora os dados coletados até o presente apontem para a existência de duas variantes fonológicas do sufixo determinativo *-et* (*-t* após vogal e *-et* após consoante), esperamos identificar formas variantes nasalizadas, como ocorre em Tuparí e no Makuráp, cujos alomorfes do sufixo cognato são *-et* ~ *-t* ~ *-en* ~ *-n* (Caspar e Rodrigues, 1957; Braga, 2006).

3.2.1.4 Derivação

Há, em Akuntsú, dois sufixos derivacionais endocêntricos, que derivam novos nomes a partir de bases nominais, os sufixos *-tin* ‘atenuativo’ e *-atfo* ‘intensivo’. Há também um sufixo exocêntrico que deriva verbos transitivos de nomes adjetivos, o sufixo *-ka*.

3.2.1.4.1 *-tin* ‘atenuativo’ e *-atfo* ‘intensivo’

Os sufixos *-tin* ‘atenuativo’ e *-atfo* ‘intensivo’ derivam novos nomes a partir de uma base nominal, acrescentando-lhes traços semânticos intensificadores de seu significado lexical.

Exemplos:

Nome	Glossa	Nome+ <i>-tin</i>	‘atenuativo’
<i>apara</i>	‘banana’	<i>apara-tin</i>	‘banana nanica’
<i>iki</i>	‘água’	<i>iki-tin</i>	‘cabeceira’
<i>wako</i>	‘jacu’	<i>wako-tin</i>	‘jacutinga’

Nome	Glossa	Nome+ <i>-atfo</i>	‘intensivo’
<i>po</i>	‘mão’	<i>po-atfo</i>	‘polegar’
<i>kíp</i>	‘pau’	<i>kíp-atfo</i>	‘pernãõ’
<i>apara</i>	‘banana’	<i>apara-atfo</i>	‘banana catuva’

3.2.1.4.2 O verbalizador *-ka*

Nomes adjetivos podem ser verbalizados por meio do sufixo *-ka* :

6)	<i>wako</i>	<i>perop-ka</i>	<i>on</i>
	batata doce	cozido-VERB	1
	‘eu cozinho batata doce’		

- 7) *o=∅-po* *ĩ-ka* *on*
1=R-mão cheiro-**VERB** 1
‘ eu estou cheirando minha mão’

- 8) *t=akop-ka*
3=quente-**VERB**
‘esquente (a água)!’

3.2.1.5 Composição

Novos nomes podem também ser formados por meio de composição de temas nominais.

Alguns exemplos são:

substantivo + substantivo

- 9) *kem + kĩ*
peito + líquido
‘leite’
- 10) *ororo + pe*
algodão + revestimento
‘roupa’

substantivo + adjetivo

- 11) *mak̄ta + kop*
esquilo (gen.) + vermelho
'catipuru (esp. de esquilo)'

substantivo + substantivo + adjetivo

- 12) *kojtpit + pepo + kop*
peixe (gen.) + asa + vermelho
'lambari (esp. de peixe)'

3.2.1.6 Nomes dêíticos

Os nomes dêíticos formam uma subclasse fechada e dividem-se, por sua vez, em três subclasses: a dos pronomes pessoais, a dos demonstrativos e a dos locativos.

3.2.1.6.1 Pronomes

O Akuntsú possui duas séries de pronomes pessoais, a série I e a série II. Os elementos da série I codificam tanto o sujeito de predicados nominais quanto o agente de predicados transitivos. Podem também ser núcleos de sintagmas adverbiais, quando modificados pelo caso locativo *-po ~ -o ~ -mo*, e, ainda, podem ser usados enfaticamente como sujeitos de predicados de verbos intransitivos.⁷

⁷ A distribuição desta série ainda não está completamente elucidada.

Série I	
'1'	on ~ one
'2'	en ~ ene
'12+/-3'	kitje
'13'	otje
'23'	jat
'3'	te
'3pl'	kejat

A primeira e a segunda pessoa do singular possuem dois alomorfes, cuja distribuição foi apenas parcialmente elucidada. Os alomorfes *on* e *en* são os que ocorrem como sujeito (agente) de predicado transitivo e como sujeito (enfático) de predicado verbal intransitivo. Já nas demais funções, há ocorrência dos dois alomorfes de cada pronome.

Exemplos:

Sujeito de predicado nominal

- 12) *mapi-rom* *en*
 flecha- NEG 2
 'você não (tem) flecha'

- 13) *en* *o=∅-mempit*
 2 1=R-filho.de.mulher
 'você é minha filha'

14) *ene koro-rom*
2 arco-NEG
'você não (tem) arco'

15) *kejat kem+ kî kejat*
3PL seio+línquido **3PL**
'elas têm leite (materno)?'

Agente de predicado transitivo

16) *otat pok-a on*
fogo acender-TEMA **1**
'eu acendo fogo'

17) *i=ta-∅ en*
3=plantar-TEMA **2**
'você o planta (inhame)'

Sujeito enfático de predicado intransitivo

18) *o=wi-a kom (on)*
1=subir-TEMA PROJ **1**
'eu vou subir'

- 19) *e= atfo-a (en)*
 2= tomar banho –TEMA 2
 ‘você toma banho’

Expressão adverbial (pronome flexionado por morfologia casual)

- 20) *on apara õ-a te en-o*
 1 banana dar-TEMA FOC 2-LOC
 ‘eu dou banana para você’

- 21) *one-mo atiti-rom*
 1-LOC milho-NEG
 ‘para mim não (há) milho’

3.2.1.6.1.1 Pronomes clíticos

Os pronomes clíticos (série II) codificam o determinante da base lexical com a qual se combinam. Marcam, dessa forma, o determinante de um nome, o determinante de um verbo transitivo – seu objeto – e o determinante de um verbo intransitivo – seu sujeito.

Série II: Pronomes clíticos	
'1'	o=
'2'	e=
'12+/-3'	ki=
'13'	otfe=
'23'	jat=
'3'	i= ~ t=
'3corr'	te=

Alguns exemplos que ilustram a combinação de pronomes clíticos com nomes são os seguintes:

22) *o=∅-po*

1=R-mão

'minha mão'

23) *e=∅-poro*

2=R-costas

'tuas costas'

24) *ki=∅-anam*

12+/-3=R-cabeça

'nossas cabeças'

- 25) *otfe=t-ek*
13=R-casa
 ‘nossa casa’
- 26) *jat=∅-ororo-pe*
23=R-algodão-casca
 ‘roupa de vocês’
- 27) *nom t=atfi*
 NEG **3**=dor
 ‘não tem dor (o pé dele)’
- 28) *t-owaj*
3=rabo
 ‘rabo dele’
- 29) *i=∅-kit*
3=R-semente
 ‘semente desse (do mamão)’

Exemplos de pronomes clíticos combinados com verbos são apresentados na seção 3.2.4

3.2.1.6.2 Demonstrativos

Identificamos, até o presente, quatro demonstrativos em Akuntsú. Nesta descrição preliminar apresentamos uma primeira interpretação da semântica de cada uma dessas formas: *eme* ‘este, perto do falante’, *jẽ* ‘este, perto do falante (sentado)’,

jẽrom ‘aquele, longe do falante e perto do ouvinte’, *(te)ike* ‘longe do falante e do ouvinte, +/- visível’.

eme ‘este’

- 30) *koro-ʔam* **eme** *t-et* *na*
arco-fio **este** R-nome TRANS
‘fio do arco é o nome deste’

- 31) **eme** *wen-a*
este acabar-TEMA
‘este (mamão) acabou’

jẽ ‘este, perto do falante, sentado’

- 32) **jẽ** *o=∅-mempit*
este 1=R-filho.de.mulher
‘esta é minha filha!’

- 33) **jẽ** *awʔaw*
este bebê
‘este é bebê’

jẽrom ‘esse, longe do falante e perto do ouvinte’

34) *jērom* *ōpa-∅* *en*
 esse matar-TEMA 2

‘esse você mata’ (dizendo para matar o maribondo que pousava no meu braço’

35) *jērom* *pera-∅*
 esse acordar-TEMA

‘esse acordou’

(te)ike ‘longe do falante e do ouvinte, +/- visível’

36) **(te)ike-tin** *t/fami*
 aquele-ATEN bonito
 ‘aquele (jacuzinho) é bonito’

3.2.1.6.3 Locativos

Três dêiticos locativos foram identificados em Akuntsú: *jō* ‘aqui/agora’, *kojōpi* ‘hoje’ e *erapi* ‘amanhã’.

37) *en* *pit-a* **jō**
 2 pisar-TEMA **aqui**
 ‘você pisa aqui’

- 38) *kojõpi* *kitfe* *i=ta-∅* *kom*
hoje 123 3-plantar-TEMA PROJ
 ‘hoje nós vamos plantar (semente)’
- 39) *kojõpi* *kĩpitfik*
hoje frio
 ‘hoje está frio’
- 40) *erapi* *kĩpitfik* *te* *war-a*
amanhã frio FOC sair-TEMA
 ‘amanhã frio vai embora’
- 41) *erapi* *Karow* *it-a*
amanhã Karow vir-TEMA
 ‘amanhã Carol vem’

3.2.2 Posposições

A classe das posposições é uma classe fechada. Foram identificadas até o presente três posposições: *ete* ‘locativo relativo’, *pe* ‘locativo/dativo’ e *na* ‘translativo’.

3.2.2.1 *ete* ‘locativo relativo’

Nos dados coletados, a posposição *ete* marca um nome como local ou assunto:

- 42) *ki=∅-akop* *ete*
 12+/-3=R-calor **REL**
 ‘(está) no sol (rapé)’
- 43) *e=∅-kíp* *ete* *i-ko* *koram*
 2=R-perna **REL** 3-comer agora
 ‘na sua perna ele come (o papagaio) agora’
- 44) *e=t-et* *ete*
 2=R-nome **REL**
 ‘sobre o teu nome’
- 45) *te* *wi-a* *ete*
 3 subir-TEMA **REL**
 ‘ele sobe (com respeito à árvore)’

3.2.2.2 *pe* ‘locativo/dativo’

A posposição *pe* ocorre nos dados coletados marcando um objeto indireto de um verbo lexicalmente transitivo. Esta é uma estratégia comum em línguas Tupí que torna oblíquo um argumento de um verbo transitivo, que deveria vir em sua forma de objeto direto, imediatamente precedendo o verbo e sem marcas casuais. Esta estratégia rebaixa o argumento interno de um verbo transitivo de sua função de objeto direto para a de objeto oblíquo e, nesse sentido, corresponde ao que é conhecido como construções

antipassivas. Contudo, à diferença destas, em que o verbo recebe um morfema antipassivo (Comrie, 1986), nas construções correspondentes em línguas Tupí, o verbo não recebe nenhuma marca intransitivizadora e o seu sujeito original permanece inalterado. Fenômeno similar foi identificado por Caspar e Rodrigues (1957) na língua Tuparí, e por Cabral na língua Zo'é, família Tupí-Guaraní (Cabral, comunicação pessoal).

Akuntsú

- 46) *Aramira wiro pe õ-a*
 Aramira recipiente LOC dar-TEMA
 ‘Aramira deu (com respeito ao) recipiente’

Tuparí

- 47) *w-apsi=a on topari ema=ere*
 1-compreender 1 Tuparí fala=LOC
 ‘eu compreendo a língua Tuparí’

Zo'é

- 48) *tadzahú-∅ r-ehé a-juké-potát*
 porção-ARG R¹-REL 1-matar-PROJ
 ‘(com respeito) ao porção eu pretendo matar’ (Cabral 2007)

3.2.2.3 *na* ‘translativo’

A posposição *na* contribui com o significado de mudança de uma entidade de um estado para outro.

- 49) *ki=∅-akop na*

12+/-3=R-sol **TRANS**

‘está (fazendo) sol’

50) *o=∅mempit* *wako* *e=∅k̄ipi* **na**

1=R-filho.de.mulher jacu 2=R-irmã **TRANS**

‘meu filho jacu é seu irmão (está na qualidade de seu irmão)’

51) *Tfamara* =*i-tfop* **na**

Samara =NZR-ver **TRANS**

‘(é o) visto de Samara’

52) *i=kop* **na**

3=vermelho **TRANS**

‘ele está vermelho’ (milho)

3.2.3 Numerais

Há dois numerais em Akuntsú, *k̄i* ‘um’ e *t̄i* ‘dois’. A palavra para o número dois é também usada reduplicadamente para expressar mais de dois.

53) *on* **k̄i**

1 **um**

‘eu sou só (um)’

54) *Pora on tiri*
 Purá 1 **dois**
 ‘Purá e eu (somos) dois’

55) *tiri tiri o=ip-a kom*
dois dois 1=voltar –TEMA PROJ
 ‘(em) quatro (dias e) eu vou voltar’

3.2.4 Verbos

Há, em Akuntsú, a distinção de dois tipos de verbos, os intransitivos e os transitivos. Esta distinção é feita mediante critérios sintáticos e morfológicos, como mostraremos adiante.

3.2.4.1 Morfologia flexional

Verbos transitivos e intransitivos podem combinar-se com o sufixo temático *-a*. Este sufixo marca verbos transitivos e intransitivos em construções tanto afirmativas quanto negativas.

56) *t=akar-a*
 3=cair-TEMA
 ‘caiu’

- 57) *en ip-a-rom*
 2 voltar-TEMA-NEG
 ‘você não volta’

Em temas terminados por /a/, o alomorfe do sufixo temático é - \emptyset :

- 58) *Edoado te i=ta- \emptyset*
 Eduardo FOC 3=plantar-TEMA
 ‘Eduardo o planta (inhame)’

Quando a vogal final de um tema é /o/, assimila-se à vogal do sufixo temático, como é o caso do verbo *-ko* ‘comer’ que, combinado com esse sufixo, toma a forma *-ka*:

- 59) *o= \emptyset mempit i=ko-a \rightarrow i=ka*
 1=R-filho.de.mulher 3= comer
 ‘meu filho come (banana)’

3.2.4.2 Relações gramaticais

Tanto os verbos transitivos quanto os intransitivos combinam-se com os pronomes clíticos (série II), marcando com respeito aos intransitivos o sujeito destes e com respeito aos transitivos o seu objeto.

Intransitivos

- 60) *e=ip-a nom*

2=voltar-TEMA não

‘você não volta’

61) *t=aʔor-a*

3=sair-TEMA

‘saiu’

Transitivos

62) *tʃatʃakop* *o=pi-a*

formiga **1**=picar-TEMA

‘formiga me picou’

63) *Edoado* *te* *i=ta-∅*

Eduardo FOC **3**=plantar-TEMA

‘Eduardo o planta (inhame)’

64) *o=∅-mempit* *i=ka*

1=R-filho.de.mulher **3**= comer

‘meu filho come (banana)’

3.2.4.3 Nominalizadores

Foram identificados até o presente dois nominalizadores em akuntsú: *-ap* ‘nominalizador de circunstância’ e *-i-* ‘nominalizador de objeto’.

-ap ‘nominalizador de circunstância’

O nominalizador *-ap* forma nomes de circunstância tanto de verbos transitivos, quanto de verbos intransitivos, como ilustrado pelos seguintes exemplos:

65) *kíp wi-ap na*
pau subir-NZR TRANS
‘(é) ponte’

66) *at/fo-ap*
lavar-NZR
‘lavador (sabão)’

-i- ‘nominalizador de objeto’

Este nominalizador deriva nomes a partir de verbos transitivos. O nome resultante é um nome que corresponde ao objeto do verbo base ou, em outras palavras, ao resultado do seu processo (cf. Rodrigues 1953, 1981; Cabral, Côrrea da Silva e Rodrigues, 2005).

67) *tawt/fe o=i-mi*
porcão 1=NZR-matar
‘porcão, meu morto’

68) *karo Ororo=i-õ*
colar Ururu=NZR-dar
‘colar, (coisa) dada da Ururu’

- 69) *kíʔa* *o=i-ko*
 pupunha 1=NZR-comer
 ‘pupunha, minha comida’

3.2.4.4 Morfologia derivacional

3.2.4.4.1 Causativo

Por meio do prefixo *mo-* são derivados verbos transitivos de verbos intransitivos.⁸

- 70) *íkí* *mo-kar-a* *on*
 água CAUS-cair-TEMA 1
 ‘eu fiz água cair’

- 71) *Aramira* *mo-ka* *te=∅-mempit*
 Aramira CAUS-comer 3CORR=R-filho.de.mulher
 ‘Aramira faz seu filho comer’

3.2.5 Partículas

Sob o rótulo de partículas reunimos palavras instrumentais do Akuntsú, as quais são não segmentáveis e não deriváveis. A língua Akuntsú possui várias partículas, para

⁸ Até o presente foram identificados apenas exemplos que contêm o prefixo causativo combinados com temas iniciados por consoante e em todos eles a forma do prefixo é *mo-*.

a maioria das quais ainda não foram depreendidos os respectivos significados. Mencionam-se neste trabalho apenas aquelas cujas funções já foram identificadas.

3.2.5.1 Partícula aspectual

O morfema *kom* é uma partícula que segue o núcleo do predicado verbal marcando o aspecto ‘projetivo’.

kom ‘projetivo’

72) *on* *tawife* *mi-a* ***kom***
1 porcão matar-TEMA **PROJ**
‘eu vou matar porcão’

73) *kitfe* *kana* *ʔar-a* ***kom***
12+/-3 castanha pegar-TEMA **PROJ**
‘nós vamos pegar castanha’

3.2.5.2 Partícula de foco *te*

A partícula *te* ‘foco’ segue constituintes focalizados, como ilustrado pelo seguinte exemplo:

74) *kojã* *ka* ***te*** *pero*
coró comer **FOC** ararinha
‘(a) ararinha come coró’

- 75) *wako* \emptyset -*owaj* *parã- \emptyset* *te* *kipepo*
 jacu R-rabo quebrar-TEMA FOC ventania
 ‘(a) ventania quebrou (o) rabo do tatu’

3.2.5.3 Partícula negativa *nom*

A partícula *nom* significa ‘não’. Pode sozinha constituir um enunciado ou ocorrer posposta a um nome ou pronome.

- 76) *matfo* ***nom*** *wiri*
 noite **não** dia
 ‘não (é) noite, (é) dia’

- 77) *Amaia* *kem-kĩ* *jemo* ***nom***
 Amalia seios-líquido aquela **não**
 ‘Amália (tem) leite, aquela não’

3.2.6 Ideofones

Os Akuntsú fazem intenso uso de ideofones no seu discurso. Normalmente o uso de ideofones se faz concomitantemente com o uso de gestos. Os ideofones identificados até o presente são os seguintes:

- poro ro ro ro* ‘ir’
mo mo mo ‘contando’
ẽ ẽ ẽ ‘ação repetitiva’
oh oh oh ‘dormindo’

orrrr ‘o rugir da onça’.

dow ‘matar de tiro’

jã já ‘o barulho do porcão’

3.2.7 Interjeições

Foram identificadas até o presente duas interjeições em Akuntsú, ou seja, termos da fala cotidiana com função meramente sensitiva e/ou emotiva:

offf ‘sensação de cansaço’

iweee ‘sensação de dor’

3.3 Negação

A negação sentencial em Akuntsú se faz por meio de sufixos, os morfemas *-om* ~ *-rom* ~ *-erom*, que se combinam tanto com nomes quanto com verbos, como mostram os seguintes exemplos:

Com nomes:

78) *kora kora t-ap-erom*
galinha R-cabelo-NEG
‘galinha não tem pêlo’

79) *apatfo Ø-apitep-erom*
avô R-orelha-NEG
‘avô não escuta’

80) *t=op-erom*

3= pai-NEG

‘não tem pai dele’

81) *one-mo* *nom* *awak-om*

1-LOC não som-NEG

‘não teve som meu’

82) *ene-mo* *kíp-erom*

2-LOC facão-NEG

‘você não tem facão’

83) *ope-om*

amolado-NEG

‘não está amolado’

Com verbos:

84) *apara* *ko-rom*

banana comer-NEG

‘não come banana’

85) *e=men* *i=mi-rom*

2=marido 3=matar-NEG

‘teu marido não o matou’

- 86) *en ip-a-rom*
2 voltar-TEMA-NEG
'você não volta'

3.4 Sintaxe

Nesta seção descrevemos alguns aspectos da sintaxe da língua Akuntsú, especificamente a constituição de sintagmas nominais e verbais, a ordem dos constituintes oracionais e algumas indicações que caracterizam o sistema de alinhamento desta língua.

3.4.1 Sintagmas nominais

Em Akuntsú, sintagmas nominais têm por núcleo um nome. Como mostraremos, em seguida, nomes dependentes são precedidos de seus respectivos determinantes. Os núcleos de sintagmas nominais podem ser modificados por numerais, que podem precedê-los ou segui-los:

- 87) *ek tîrî*
casa dois
'duas casas'

- 88) *tîrî ek*
dois **casa**
'duas casas'

3.4.1.1 Construções Genitivas

Em Akuntsú, as construções genitivas se dão por meio de relações de determinação nominal que envolvem a combinação de dois nomes, como no esquema [nome_{cte} nome_{ddo}]. Dietrich (2001:30) ressalta o fato de que o “princípio da sintaxe nominal é a determinação” e que a “...determinação lexical de um substantivo por outro se faz mediante a justaposição na ordem ‘determinante’ + ‘determinado’, em que é sempre o segundo elemento do sintagma que é determinado pelo primeiro”. Assim ocorre também em Akuntsú, em que a determinação é direcionada da direita para a esquerda do sintagma, sendo o segundo elemento determinado pelo primeiro. Em *o=∅ anãm* ‘1=R-cabeça’, por exemplo, a relação de determinação corresponde à seguinte tradução: “cabeça de mim”.

Os fatos observados até o presente fundamentam a divisão dos nomes em duas classes: a dos que requerem sempre um determinante, sendo este obrigatório (classe I – nomes dependentes) e a dos que, dependendo da situação pragmática, podem ou não ocorrer com um determinante (classe II – nomes independentes ou absolutos). Os nomes da classe I são os que referem partes de um todo, como partes do corpo, partes das plantas, termos de parentesco, artefatos pessoais, sensações e qualidades. A existência dos nomes desta classe está sempre relacionada a algo ou a alguém. Em línguas como o Akuntsú, o termo para pai, por exemplo, não ocorre sem um determinante.

Exemplos da classe I:

-poro ‘costas’

89) *e=∅poro*

2= R-costas

‘tuas costas’

-ep ‘folha’

90) *apara t-ep*

banana R-folha

‘folha da banana’

-kit ‘semente’

91) *apenam* \emptyset -*kit*

abóbora R –semente

‘semente de abóbora’

-pe ‘pele/casca’

92) *kana* \emptyset -*pe*

castanha R-pele

‘pele da castanha’ (ouriço da castanha)

-ti ‘mãe’

93) *o*= \emptyset -*ti*

1=R –mãe

‘minha mãe’

-op ‘pai’

94) *jat*=*t-op*

23=R –pai

‘pai de vocês’

kípe ‘facão’

95) *o*= \emptyset - *kípe*

1=R –facão

‘meu facão’

Os nomes da classe II são aqueles cujos referentes têm existência independente, como são os nomes de elementos da natureza, de plantas e de animais.

96) *waʔi*
‘pedra’

97) *ororo*
‘algodão’

98) *tforai*
‘aricuri’

99) *tawtfe*
‘porcão’

100) *wato*
‘jacaré’

Em Akuntsú, os nomes absolutos não se combinam diretamente com determinantes. Nas situações em que um nome absoluto passa ao status de pertence de algo ou de alguém, a língua faz uso de estratégias para mediar essa relação de posse, seja por meio de nominalizações, seja por meio de nomes de parentesco, dependendo do caso.

3.4.1.2 O uso de nomes de parentesco como mediadores de determinação

Como os Akuntsú tiveram seus parentes mortos, as quatro mulheres do grupo criam seus animais como filhos, carregando-os para todos os lugares, conversando com

estes quando os alimentam. Quando se referem aos seus animais de criação, usam construções como as seguintes:

101) *o=∅-mempit kopipa*
 1=R-filho.de.mulher periquito
 ‘meu filho periquito’

102) *wako Tfaroj ∅-mempit*
 jacu Txarúi R-filho.de.mulher
 ‘o jacu (é) filho da Txarúi’

3.4.1.3 Nominalização como estratégia mediadora de determinação

Os Akuntsú fazem uso de nominalizações com *i-* ‘nominalizador de objeto’ para expressar relações de posse que envolvem nomes absolutos. Os exemplos que seguem ilustram construções com verbos transitivos e seus respectivos objetos, seguidas, cada uma delas, de formas nominalizadas dos mesmos verbos servindo de mediadoras de posse de nomes absolutos:

103) *tawtfe mi-a kom on*
 porcão matar -TEMA PROJ 1
 ‘eu vou matar porcão’

104) *tawtfe o=i-mi*
 porcão 1=NZR-matar
 ‘porcão, meu morto’

- 105) *akatapa* *ʔar-a* *en*
 tucum pegar-TEMA 2
 ‘você pega o tucum’
- 106) *akatapa* *e=i-ʔat*
 tucum 2= NZR-pegar
 ‘tucum, teu pegado (tua coisa pegada)’
- 107) *kɨʔa* *ka* *on*
 pupunha comer 1
 ‘eu como pupunha’
- 108) *kɨʔa* *o=i-ko*
 pupunha 1= NZR-comer
 ‘pupunha, minha comida’

3.4.2 Sintagma verbal

Sintagmas verbais têm por núcleo um verbo imediatamente precedido por seu determinante, que é uma expressão nominal (nome, pronome, demonstrativo ou numeral). Os núcleos verbais podem ser flexionados pelo sufixo temático *-a* e podem ser seguidos por partícula aspectual.

- 109) *Aremaw* *war-a*
 Alemão ir-TEMA
 ‘Alemão foi’

110) *o=wi-a* *kom* *on*
 1=subir-TEMA PROJ 1
 ‘eu vou subir’

111) *on* *tapdot* *kin-a*
 1 mandioca **ralar**-TEMA
 ‘eu ralo mandioca’

112) *tawtfe* *mi-a* *kom* *on*
 porcão matar-TEMA **PROJ** 1
 ‘eu vou matar porcão’

3.4.3 Ordem dos constituintes oracionais

Em Akuntsú, orações com predicados intransitivos, sejam estes nominais ou processuais, podem ter as ordens SV ou VS:

Ordem SV

113) *o=kerep* *na*
 1=levantar TRANS
 ‘eu estou levantado’

- 114) *Aremaw war-a*
 Alemão ir-TEMA
 ‘Alemão foi’

Ordem VS

- 115) *ip-a-rom o=∅-mempit*
 voltar-TEMA-NEG 1=R-filho.de.mulher
 ‘não volta (a) minha filho’

- 116) *wen-a orokoj*
 acabar-TEMA laranja
 ‘acabou (a) laranja’

Orações que têm por núcleo verbos transitivos podem ter as seguintes ordens OVS, SVO, VOS ou SOV, sendo a primeira a mais freqüente:

Ordem OVS

- 117) *kana ɽar-a kom on*
 castanha pegar-TEMA PROJ 1
 ‘eu vou pegar castanha’

- 118) *wako ∅-owaj parã-∅ te kipepo*
 jacu R-rabo quebrar-TEMA FOC ventania
 ‘(a) ventania quebrou (o) rabo do jacu’

119) *tatakaw* *õpa-∅* *Konibú*
 lagarto matar-TEMA Konibú
 ‘Konibú matou lagarto’

120) *poka* *mi-a* *en*
 jabuti matar-TEMA 2
 ‘você mata jabuti’

121) *pawro* *ʔat* *en*
 pica-pau pegar 2
 ‘pegue o pica-pau!’

122) *apara* *∅-kíp* *ʔat-a* *te* *Karow*
 banana R-pau pegar-TEMA FOC Karow
 ‘Carol pegou tronco da bananeira’

Ordem VOS

123) *mi-a* *te* *poka* *en*
 matar-TEMA FOC jabuti 2
 ‘mata jabuti você’

Ordem SOV

124) *on tapdot kin-a*
 1 mandioca ralar-TEMA
 ‘eu estou ralando mandioca’

125) *porakí ðkí apeka-∅*
 mutum água beber-TEMA
 ‘mutum está bebendo água’

Ordem SVO

126) *pero tfok-a te Kani ∅-po*
 ararinha morder-TEMA FOC Kani R-mão
 ‘ararinha mordeu mão da Kani’

Expressões adverbiais ocorrem freqüentemente seguindo o predicado:

127) *on apara õ-a te en-o*
 1 banana dar-TEMA FOC 2-LOC
 ‘para você eu dei banana’

128) *en pit-a jõ*
 2 pisar-TEMA aqui
 ‘você pisa aqui’

3.4.4 Alinhamento

A língua Akuntsú não possui marcas casuais distintivas de funções sintáticas desempenhadas por nomes. Contudo, nesta língua, sujeitos de predicados intransitivos e objetos de predicados transitivos são marcados por meio de pronomes clíticos (série II), os quais marcam também o possuidor em construções genitivas (ver 5.2). Por outro lado, o agente de verbos transitivos é codificado por meio de pronomes (série I).

Sujeito de verbo intransitivo

129) *o=wi-a kom (on)*
1=subir-TEMA PROJ 1
‘eu vou subir’

130) *o=aʔor-a*
1=sair-TEMA
‘eu saio’

Objeto de verbo transitivo

131) *tʃatʃakop o=pi-a*
formiga **1**-picar-TEMA
‘formiga me picou’

132) *pera ki=tʃo-a*
arara **12+/-3**=ver-TEMA
‘arara nos vê (observa)’

Agente de verbo transitivo

133) *ejom ka on*
farofa comer **1**
'eu como farofa'

134) *en tawtfe mi-a kom*
2 porção matar-TEMA PROJ
'você vai matar porção'

Considerando que a língua codifica por meio da mesma marca de proclíticos pessoais tanto o sujeito de predicados intransitivos quanto o objeto de predicados transitivos, distinguindo-os do agente de verbos transitivos, entendemos que o Akuntsú apresenta um tipo de alinhamento ergativo-absolutivo (Dixon 1979, 1994; Comrie 1989).

3.5 Conclusão

Apresentamos neste capítulo uma descrição preliminar de alguns aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú. Mostramos que a língua distingue duas classes abertas de palavras, a classe dos nomes e a classe dos verbos, e cinco classes fechadas, uma de posposições, uma de numerais, uma de interjeições, uma de ideofones e outra de partículas. Esta última é uma classe heterogênea que inclui marcas de foco, de aspecto e de negação. Os adjetivos foram analisados como uma sub-classe de nomes, uma vez que não foram identificados, até o presente, critérios que fundamentem sua inclusão em uma classe de palavras independente. Foi mostrado que a língua Akuntsu possui prefixos e sufixos, tanto derivacionais quanto flexionais, e que tanto nomes quanto verbos recebem flexão, sendo que os nomes se flexionam por morfologia casual,

relacional e determinativa, enquanto que os verbos se flexionam pelo sufixo temático *-a*, provisoriamente clamado de ‘tema’. Os resultados da descrição mostram também que a língua Akuntsú possui meios morfológicos para criar nomes de bases verbais e verbos de bases nominais, assim como para criar novos verbos de bases verbais. Os resultados mostram também que a distribuição dos morfemas pessoais do Akuntsú com nomes substantivos, nomes adjetivos e com verbos, caracteriza-o como uma língua de alinhamento ergativo-absolutivo. Finalmente identificamos quatro padrões de ordem de palavras no Akuntsú – OVS, SOV, SVO e VOS –, sendo as ordens SOV e VOS as que aparecem com maior frequência nos dados que fundamentaram esta dissertação.

CAPÍTULO 4 - Conclusão

Os resultados do estudo desenvolvido nesta dissertação confirmam que a língua Akuntsú é mais uma língua da família Tuparí (cf. Cabral e Aragon 2004a e 2005). Os resultados das análises da fonética e da fonologia da língua Akuntsú mostram que ela tem 11 fonemas consonantais /p, t, tʃ, k, ʔ, m, n, ŋ, r, j, w/ e nove fonemas vocálicos (cinco orais e quatro nasais) /i, ĩ, e, ě, i, a, ã, o, õ/. Mostram também que a produção articulatória dos sons consonantais desta língua distingue quatro modos de articulação (oclusivo, africado, nasal, aproximante) e sete pontos de articulação (labial, alveolar, alveo-palatal, palatal, velar, labio-velar e glotal).

Quanto à produção das vogais, os resultados mostram que há distinção de três graus de altura – alto, médio e baixo – e de três pontos relativos ao avanço e recuo da língua – anterior, central e posterior, sendo o traço arredondado associado somente às vogais posteriores. Fonologicamente as vogais anteriores e centrais do Akuntsú são interpretadas como distinguindo dois graus de altura (mais alto e menos alto), enquanto que para a vogal posterior não há distinção de altura. Com relação às vogais longas, não foi possível tirar uma conclusão a respeito das condições de sua ocorrência e do status fonológico das mesmas. Foram identificados processos fonológicos que afetam vogais e consoantes, como alongamento de oclusivas surdas e laringalização vocálica. Foi ainda mostrado que a sílaba em Akuntsú tem o padrão canônico (C)V(C)(C) e que o acento pode ocorrer na última ou na penúltima sílaba.

Os resultados da descrição preliminar de aspectos da morfologia e da sintaxe do Akuntsú mostram que esta língua distingue sete classes de palavras, dentre as quais, duas abertas – a dos nomes e a dos verbos – e cinco fechadas – a das posposições, a dos numerais, a dos ideofones, a das interjeições e a das partículas. Foi mostrado que a língua Akuntsu tem prefixos e sufixos, alguns derivacionais e outros flexionais, e que a flexão é característica tanto de nomes quanto de verbos, marcando nos primeiros as categorias de relação (prefixo relacional), de caso e de determinação. Já os verbos são flexionados pelo sufixo temático que é condicionado por certos aspectos verbais. Os resultados da descrição mostraram, ainda, que a língua Akuntsú possui meios morfológicos para criar nomes de verbos, verbos de nomes, assim como para criar novos verbos a partir de temas verbais. Finalmente, mostramos que a distribuição das

marcas pessoais do Akuntsú com nomes substantivos, com nomes adjetivos e com verbos, caracteriza-a como uma língua de alinhamento ergativo-absolutivo.

Os resultados da descrição mostram também que há quatro padrões de ordem de palavras na língua – OVS, SVO, VOS e SOV – sendo que as ordens SOV e VOS são as mais freqüentes nos dados usados no presente estudo.

Nesta dissertação apresentamos dados etnográficos sobre os Akuntsú, registrados durante os privilegiados períodos compartilhados com Ururú, Konibú, Aramira, Pupák, Txarúi e Enotéi de seus dias e noites, dos seus trabalhos, de suas festas e de suas alegrias e tristezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, Poliana Maria. 1991. *Análise fonológica preliminar da língua Tuparí*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- _____. 2002. Flexão relacional em Tuparí e em Tupí-Guaraní. In: A. D Rodrigues, A. S. A. C. Cabral (orgs), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL*, tomo I, p. 269-273. Belém: EDUFPA.
- _____. 2004. *O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngüe*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Aragon, Carolina, e Fernando O. Carvalho. 2008. Análise acústica das vogais orais da língua Akuntsú. A sair na *Revista da ABRALIN*.
- Bacelar, Laércio N. 2004. *Gramática da língua Kanoê*. Tese de doutorado, Katholieke Universiteit Nijmegen.
- Braga, Alzerinda de Oliveira. 2006. *Aspects morphosyntaxiques de la langue Makurap/Tupí*. Tese de doutorado, Université de Toulouse Le Mirail,
- Cabral, Ana Suelly A. C., e A. D. Rodrigues. 2001. Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí. Trabalho apresentado no I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém.
- _____. 2002a. Deslocamentos pré-históricos de línguas do Tronco Tupí. Trabalho apresentado no 54º Encontro Anual da SBPC. Goiânia.
- _____. 2002b. Pronomes e marcas pessoais em línguas do Tronco Tupí. In: Cabral, A.S.A.C e A.D Rodrigues (org), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, p.234-242. Belém: EDUFPA.
- _____. 2004. The alignment system of Proto-Tupí and the typological changes along its diversification: a contribution to the study of ergativity in Amazonia. Trabalho apresentado no III Encontro de Ergatividade na Amazônia. CNRS/IRD, Paris.
- Cabral, A. S. A. C e Carolina C. Aragon. 2004a. Relatório de identificação lingüística da língua Akuntsú. Departamento de Índios Isolados, Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____. 2004b. Akuntsú, the language of the survivors of a genocide. Trabalho apresentado no I Encontro Internacional sobre Línguas e Povos Tupí, Universidade de Brasília, 4-8 de outubro, 2004.
- _____. 2005. A posição da língua Akuntsú na família lingüística Tuparí. In: *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, p. 1533-1539. www.abralin.org.br

- Caspar, Franz. 1957. A aculturação da tribo Tuparí. *Revista de Antropologia*, vol. 5.2:145-171, São Paulo.
- _____. 1958. *Tuparí (entre os índios, nas florestas brasileiras)*. Tradução de M. N. de Sousa Queiroz, São Paulo: Edições Melhoramentos.
- _____. 1975. *Die Tuparí: ein Indianerstamm in Westbrasilien*. Monographien zur Völkerkunde herausgegeben vom Hamburgischen Museum für Völkerkunde VII. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- _____ e Aryon D. Rodrigues. 1957. *Versuch einer Grammatik der Tuparí-Sprache*. Ms.
- Chomsky, Noam e Morris Halle. 1968. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row.
- Comrie, B. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1978. Ergativity. In: Winfred Lehmann (ed.), *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Austin: University of Texas Press.
- _____. 1984. *Language universals and linguistic typology (syntax and morphology)*. Second edition. Chicago: University of Chicago Press.
- Coseriu, E. 1972. Sobre las categorías verbales (partes de la oración). *Revista de Lingüística Aplicada* 10:7-25. Concepción.
- Crofts, Marjorie. 1973. *Gramática Mundurukú*. Série Lingüística 2. Brasília: SIL.
- Crystal, David. 2000. *Dicionário de lingüística e fonética*. Trad. de Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Dietrich, Wolf. 2001. Categorias lexicais nas línguas Tupi-Guaranis (visão comparativa). In: Francisco Queixalòs (org.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*, p. 1-13. Caiena: IRD.
- Dixon, R. M. W. 1979. Ergativity. *Language* 55.1:59-138.
- _____. 1994. *Ergativity*. Cambridge Studies in Linguistics 69. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ e Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). 1999. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Everett, Caleb. 2006. *Patterns in Karitiana: articulation, perception, and grammar*. Tese de doutorado. Texas: Rice University.
- Foley, W. A. e R. D. Van Valin. 1984. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge Studies in Linguistics 38: Cambridge University Press.

- Gabas Júnior, N. 2005. Classificação da língua Akuntsú. *Estudos Lingüísticos XXVI*, p. 105-110. Belém.
- Galúcio, A. V. 2001. The morphosyntax of Mekens. Tese de doutorado, University of Chicago.
- Givon, T. 2001. *Syntax: a functional-typological introduction*, vol. 2. Amsterdam: John Benjamin's.
- Hanke, W., M. Swadesh e A. D Rodrigues. 1958. Notas de fonologia Mekens. In: Juan Comas (org.) *Miscellanea Paul Rivet octogenario dicata*, vol.2. p 187-217. México.
- Hopper, P. e S. Thompson. 1980. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language* 56: 251-99.
- Jakobson, Roman, C. M. Gunnar Fant e Morris Halle. 1969. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. Cambridge/MA: MIT Press (re-impressão da edição 1963, 1ª edição: 1951).
- _____. 1972. *Fonema e fonologia*. Seleção, trad. e notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Ladefoged, Peter. 1962. *Elements of acoustic phonetics*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- Landin, D. 1984. An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences. In: *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Série Lingüística 11. Brasília: SIL.
- Lehmann, W. P. 1978. *Syntactic typology*. Austin: University of Texas Press.
- Lévi-Strauss, Claude. 1948. Tribes of the right bank of the Guaporé river. In: Julian H. Steward (org.), *Handbook of South American Indians*, vol. 3, p. 371-379. Washington: United States Government Printing Office.
- _____. 1955. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Libraria Plon, Portugal
- Maldi, Denise. 1991. O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequéns, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, 7: 2: 209-269.
- Martinet, André. 1971. *Elementos de lingüística geral*. Trad. J. Morais-Barbosa. 3ªed. Lisboa: Livraria Sá da Costa (1ª ed. francesa: 1963).
- Meer, T. H. van der. 1982. *Fonologia da língua Suruí*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

- Mithun, M. 1984. The evolution of noun incorporation. *Language* 60: 847-894.
- Miller, E. 1983. *História da cultura indígena do Alto Médio Guaporé*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Nimuendajú, C. 1925. As tribus do Alto Madeira. *Journal de la Société des Américanistes de Paris* 17:137-172.
- Ohala, J. J. 1983. The direction of sound change. In: A. Cohen e M. P. R. Broecke (eds.), *Abstracts of the Tenth International Congress of Phonetic Sciences*. p. 253-258. Dordrecht: Foris Publications.
- Pike, Kenneth L. 1947. *Phonemics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupí. *Letras* 1:121-152. Curitiba.
- _____. 1955. As línguas “impuras” da família Tupí-Guaraní. In: Herbert Baldus (org.) *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, p. 1055-1071. São Paulo.
- _____. 1958. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics* 24:231-234. Baltimore.
- _____. 1964. A classificação do tronco lingüístico Tupí. In: *Revista de Antropologia* 12:99-104. São Paulo
- _____. 1981. *Estrutura do Tupinambá*. Ms.
- _____. 1985. Evidence for Tupí-Karíb relationships. In: H. E. M. Klein & L. R. Stark (orgs.), *South American Indian languages: retrospect and prospect*, p. 371-404. Austin: University of Texas Press.
- _____. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- _____. 1996. Argumento e predicado em Tupinambá. *ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 19:57-66. Maceió.
- _____. 1999a. *A Originalidade das línguas indígenas brasileiras*. Conferência proferida na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho.
- _____. 1999b. Tupí. In: R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald (orgs), *The Amazonian languages*, p. 107-124. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2001. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. *Boletim da ABRALIN* 25:219-231. Fortaleza: Imprensa Universitária.

- _____. 2007. Tupí Languages in Rondônia and in Eastern Bolívia. In: Leo Wetzels (ed.), *Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*. Leiden: Universiteit Leiden.
- _____, A. S. A. C. Cabral e Beatriz C. Corrêa da Silva. 2006. Evidências lingüísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto *-mi em Proto-Tupí. *Revista de Estudos da Língua(gem)*, 4.2:21-39. Vitória da Conquista: UESB.
- _____ e W. Dietrich. 1997. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. *Diachronica* XIV, 2:265-304. Amsterdam.
- Rondon, Cândido M. S. e João Barbosa de Faria. 1948. *Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do norte do Brasil*. Comissão Rondon, Publicação n. 76. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Santos, Marcelo dos. 1984. Relatório técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____. 1985. Relatório técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____. 1986. Relatório técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____ e Altair Algayer. 1995. Índios isolados do vale do Corumbiara. Relatório Técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____ e Altair Algayer. 1996. Relatório técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____ e Altair Algayer. 1999. Relatório técnico. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Saussure, Ferdinand. 1969. *Princípios de lingüística geral*. S. Paulo: Cultrix/Edusp.
- Shopen, T. 1985. *Language typology and syntactic description*, Vols. 1-3. Cambridge: Cambridge University Press.
- Snethlage, Emil Heinrich. 1937. *Atiko y, meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé*. Berlin: Klinkhardt & Biermann Verlag.

- _____. 1939. *Musikinstrumente der Indianer des Guaporégebietes*, Baessler-Archiv, Beiträge zur Völkerkunde, Beiheft X. Berlin: Dietrich Reimer - Andrews & Steiner.
- Storto, R. Luciana 2001. Duas classes de verbos intransitivos em Karitiana (Família Arikém, Tronco Tupi). In: Queixalos, Francisco (org.), *Des noms et des verbes en Ttupi-Guarani*, p. 163-180. Muenchen: Lincom-Europa.
- _____. 2002. Algumas categorias funcionais em Karitiana. In: A. D Rodrigues, A. S. A. C. Cabral (orgs), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL*, tomo I, p. 151-164. Belém: EDUFPA.
- Trubetzkoy, Nikolay. 1969. *Principles of phonology*. Trad. C. A. M. Baltaxe. Berkeley, Los Angeles: University of California Press (Publicação original, pelo Círculo Lingüístico de Praga, em alemão: 1939).
- _____. 1981. A fonologia atual. In: M. Dascal (org.), *Fundamentos metodológicos da lingüística*, vol II: *Fonologia e sintaxe*, p. 15-35. Campinas. (1ª publicação em 1933).
- _____. (no prelo). *Princípios de fonologia*. Trad. de Wilmar D'Angelis. Campinas: Curt Nimuendajú.
- Urban, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: M. C. Cunha (org.), *História dos índios no Brasil*, p. 87-102. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP.
- Valadão, Virgínia. 1986. Relatório de avaliação – Área Indígena Igarapé Omerê. São Paulo. Ms.
- _____. 1995. Relatório antropológico 2. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- _____. 1996. Os índios ilhados do igarapé Omerê. In: Carlos Alberto Ricardo (org.), *Povos Indígenas no Brasil 1991-1995*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Zwicky, A. M. 1985. Clitics and particles. *Language* 61:283-305.